

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022



**Editor científico: João Luís Cardoso**

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2022

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.  
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

## **A CHAMADA “CONFERÊNCIA DA CITÂNIA”: REVISITANDO UM EVENTO PIONEIRO DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA**

### ***THE SO CALLED “CONFERÊNCIA DA CITÂNIA”: A PRECURSOR EVENT OF THE PORTUGUESE ARCHAEOLOGY REVISITED***

Amílcar Guerra<sup>1</sup>

*Aqui está o iniciador das conferencias archeologicas de Portugal e Ilhas! Estou no caso de Jourdain de Molière, a fazer prosa sem o saber.*

(SARMENTO, 1948, p. 7 – Carta a Joaquim de Araújo de 10/3/1878)

#### **Abstract**

Some complementary aspects of an important and well-known scientific event of the 19<sup>th</sup> century, the so called “Conferência da Citânia” are presented. Firstly, the ups and downs of its preparation and the role of its promoters are discussed, with special emphasis on Martins Sarmento and Pereira Caldas. Secondly, the most famous participants are listed, identifying some aspects that justified the presence in this conference of some relevant figures of the archaeological research in Portugal; a particular attention to some guests who could not be present. Finally, mention is made to the echoes of the event in the press and to the balance of the conference, especially Sarmento’s more pessimistic perspective, as opposed to the vision of other participants.

*Keywords:* Martins Sarmento, Citânia de Briteiros, History of Archaeology (19<sup>th</sup> century), “castros” culture.

## **1 – MARTINS SARMENTO E A IDEIA DA CONFERÊNCIA**

Francisco Martins Sarmento (Fig. 1), uma das personalidades marcantes da Arqueologia portuguesa de oitocentos, revela um perfil com facetas aparentemente contraditórias: por um lado demonstra um espírito aberto, universalista; por outro, gosta de se assumir como um homem de província, distante do mundo intelectual urbano, dedicado aos particularismos de uma cultura local e especialmente empenhado na sua compreensão. Para além disso, perpassa sempre nos seus escritos uma postura modesta, recusando qualquer dignidade e mérito especial, misturada com um genuíno altruísmo que, de resto, marca boa parte da sua vida (GUERRA, A. “Sarmento, Francisco Martins de Gouveia de Moraes” in *Dicionário dos Historiadores Portugueses* <http://dichp.bnportugal.pt/imagens/sarmento.pdf> consultado em 10/4/2021). Não é sem razão

---

<sup>1</sup> Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. [aguerra@campus.ul.pt](mailto:aguerra@campus.ul.pt)

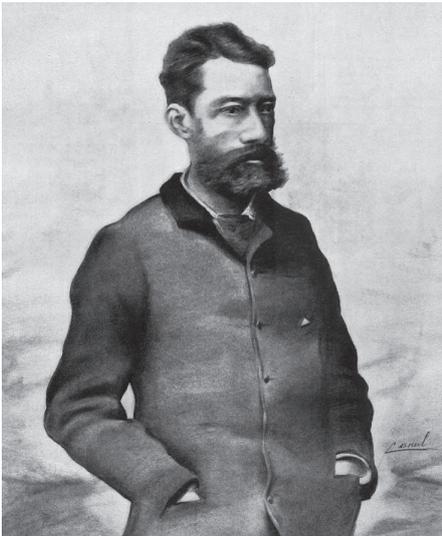


Fig. 1 – Francisco Martins Sarmento, numa foto publicada n'A *Ilustração Portuguesa* de 1904.

que a sua figura suscita elogios como os de Émile Cartailhac, em que se sublinha precisamente a forma generosa como ele usa os seus bens pessoais de uma forma exemplar, em benefício da ciência e da história do seu país: «Il y a dans le nord du Portugal, à Guimarães, un homme instruit et fortuné, enthousiaste et généreux, qui s'est dévoué à l'histoire de son pays» (CARTAILHAC, 1886, p. 272).

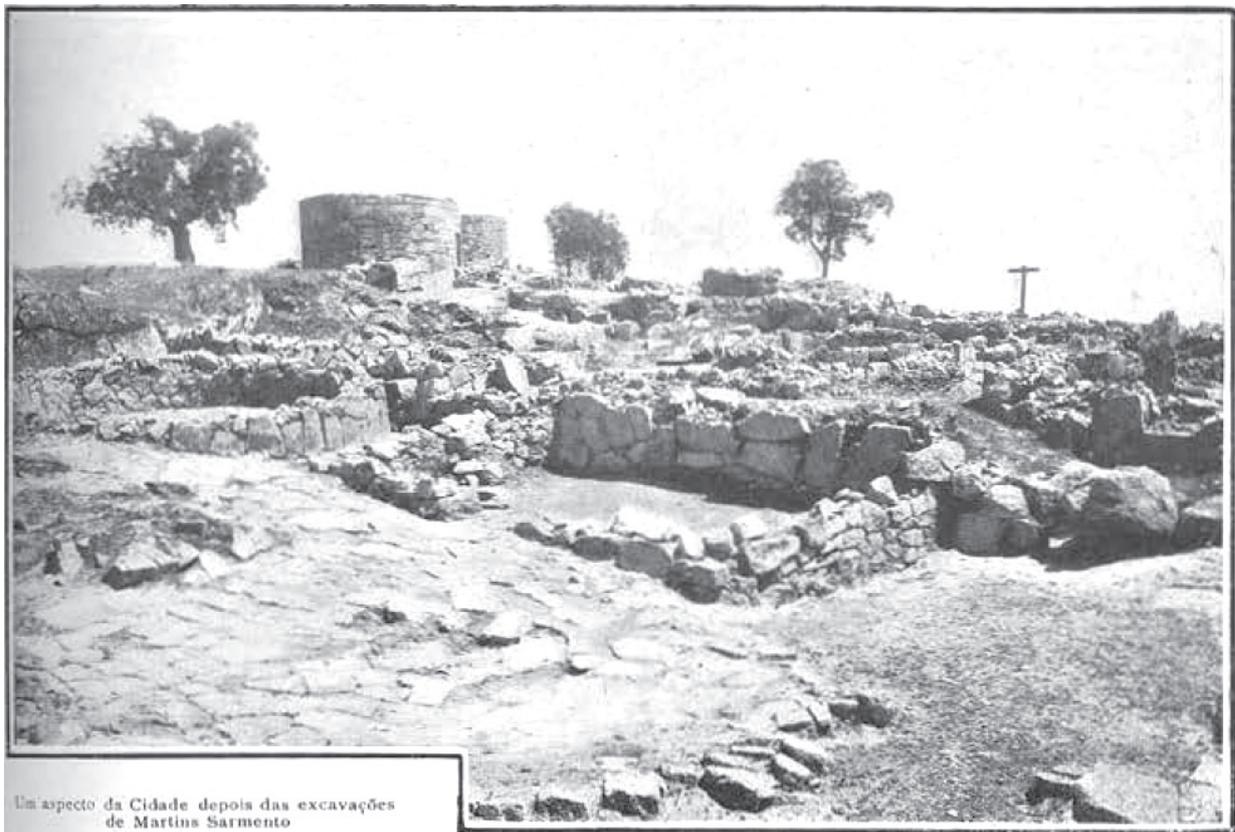
Poder-se-ia ver na iniciativa de se mostrar à comunidade científica nacional, em especial a alguns dos seus mais importantes vultos, uma forma de buscar o reconhecimento pelo seu trabalho. No seu discurso, todavia, sobreleva a ideia de que o evento se afasta declaradamente desse objectivo e pretende, acima de tudo, ouvir quem sabe e aprender com quem pode trazer alguma luz sobre as questões que ele se coloca. Por certas afirmações que ele produz a respeito da procura de fama ou de prestígio, seja na generalidade, seja em especial entre os seus pares, parece claro que o homem que celebrizou a Citânia menospreza qualquer elogio ou honraria e não lhe passa pela

cabeça que o evento possa servir para esse fim. Quando confessa, numa carta dirigida a Joaquim de Araújo (um dos mais interessantes textos para a caracterização da personalidade sarmentina, enviado a quem lhe solicita elementos para uma biografia sua), os motivos que o levaram a empreender a tarefa e a investir tanto do seu tempo e dinheiro a escavar Briteiros, chega a ser quase chocante a sua declaração: “Se a Citânia me fez conhecido um pouco, juro aos deuses que não foi para servir o meu país e a história dos Celtiberos que comecei a fossar naquelas ruínas: foi simplesmente por não ter que fazer” (SARMENTO, 1948, p. 7).

Nessa mesma missiva, acaba por fazer mais uma outra afirmação algo surpreendente, mas bem relevadora do seu carácter, contando um episódio a partir do qual “não quiz nada com o mundo da imprensa, e, se algum pequeno artigo tenho publicado, é cousa que se conta pelos dedos, e sempre obrigado” (SARMENTO, 1948, p. 6). Talvez Sarmento gostasse mesmo de provocar aos seus leitores e amigos a sensação de que era uma personalidade diferente das demais, que não desejava mostrar-se nos jornais e nos eventos sociais e científicos, mas que procurava pautar-se por outros valores, nem sempre apreciados, mas sólidos.

Por isso, quando se programa a iniciativa, embora tenha consciência da importância que deve assumir, pelo menos para alguns, mas também para ele, a vertente social do acontecimento (LEMONS, 1985, p. 200), não deixa de insistir na necessidade de conferir uma fisionomia muito particular à sua componente científica. Com frequência insiste na ideia de que, ao contrário de uma visita com certo aparato, considera preferível convocar um número bastante mais reduzido de personalidades para discutir, o mais possível de modo informal, as grandes questões que se colocavam. Essa ideia é explanada em várias cartas, especialmente nas que dirige a Pereira Caldas, mas talvez em nenhuma esta sua intenção seja apresentada de modo mais expressivo que numa missiva que dirige a Camilo (v. *infra*) e que repete a Joaquim de Araújo, a 10 de Março de 1878, quase um ano depois do evento, na qual confessa que o seu propósito era levar os seus convidados a “ver as antigualhas em mangas de camisa” (SARMENTO, 1948, p. 7).

Mas também se percebe que, não só a iniciativa de levar para a frente uma tal empresa não foi sua, como perdeu o seu controlo em muitos dos seus aspectos. Mais facilmente se compreende esta circunstância pelo contexto em que ela surge, se tivermos em conta que foi precedida de algumas visitas ao sítio, não apenas pelo próprio Pereira Caldas, mas também por outras figuras relevantes da arqueologia portuguesa, que acharam



Um aspecto da Cidade depois das escavações de Martins Sarmento

**Fig. 2** – Aspecto da Citânia de Briteiros numa fotografia publicada na “Ilustração Portuguesa” (1910, p. 477).

pertinente e mesmo necessário, que desse ampla divulgação aos trabalhos realizados em Briteiros (Fig. 2). Como se sabe e se reconhece numa das breves descrições da conferência, a ideia de realizar este tipo de evento partiu do prof. do liceu central bracarense, Pereira Caldas, “o qual se aventurou a indicar ao seu amigo, o snr. Sarmento, a conveniencia de fazer d’ellas assumpto d’uma conferencia pelos mais distinctos archeologos do pais” (SAMPAIO, 1894, p. 45). Não deixa de causar alguma estranheza que Sarmento exprima mesmo a sua renitência a respeito da iniciativa, chegando a declarar, numa carta a Nery Delgado: “obrigaram-me a precipitar a reunião”, uma vez que considerava que o sítio necessitava ainda de mais ampla exploração (FERREIRA, 1969, p. 241). A mesma ideia transmite numa carta a Camilo, desta vez não escondendo o nome do responsável: “você sabe que o Caldas, de Braga, me forçou quase a subscrever à bexiga de uma conferência de Sábios na Citânia, entre os quais ele promete fazer figurar o arcebispo de Braga!” (BRANCO & SARMENTO, 1990, p. 41).

Talvez possa haver algum exagero nas palavras de Sarmento e o impulso de Pereira Caldas não tenha assumido essas proporções, mas é certo que, por várias vezes exprime essa mesma convicção, não só demarcando-se da responsabilidade inerente à sua realização, como desejando mesmo que nunca se concretize. É uma outra carta a Camilo Castelo Branco que explana de forma mais ampla e com mais clareza a sua renitência e, ao mesmo tempo que proporciona uma imagem menos positiva de Pereira Caldas: “A verdade é que a minha Citânia não passa de um choupanal muito antigo e muito curioso que o Pereira Caldas prometeu desacreditar com a sua charlatanice. Há-de ver o que sai do congresso dos sábios, convocado pelo sábio professor que se contentou com ver a Citânia pelo óculo da minha máquina fotográfica. Ainda lá não foi! E a minha maior

miséria é que tenho de andar de braço dado com aquele Arcade! Se eu não conseguir adiar indefinidamente a conferência – o que eu muito desejava. Antes queria receber os sábios a dois e dois e em mangas de camisa, do que ter de entrar na comédia, que sabe” (BRANCO & SARMENTO, 1990, p. 75).

Apesar desta sua relutância, Sarmiento não deixa de embarcar nessa aventura, aceitando o que lhe parece inevitável, mas assumindo inicialmente que quem faz os convites e, portanto, se compromete em primeiro lugar é Pereira Caldas (SARMENTO, 1925, p. 77). A partir daí, ele vai empenhar-se fortemente na concretização do evento, assumindo verdadeiramente o seu controlo nos aspectos essenciais. Apesar das suas convicções sobre a conferência, não deixa, todavia, de ouvir as opiniões das pessoas que mais se mostraram interessadas na sua realização: Sousa Holstein e, em particular, de Pereira Caldas. A frequente correspondência trocada com o último, especialmente em alguns momentos decisivos, diz bem da partilha de responsabilidades e da consideração mútua, consolidando-se, desta forma, a amizade que ligava as duas figuras vimaranenses.

## 2 – JOSÉ JOAQUIM DA SILVA PEREIRA CALDAS (1818-1903), O PROMOTOR E CO-ORGANIZADOR



Fig. 3 – Joaquim José Pereira Caldas, o co-organizador da “Conferência da Citânia”.

Pereira Caldas (Fig. 3) incluía-se já no círculo das relações estreitas de Francisco Martins Sarmiento mesmo antes da conferência. Natural de Caldas de Vizela<sup>2</sup>, então localidade do mesmo concelho de Guimarães, era, ao tempo, uma importante figura da cidade de Braga, de mérito reconhecido como distinto professor do liceu local, com imensas relações políticas, científicas e pessoais fora da cidade. A sua formação académica era diversificada, abarcando em particular as Humanidades, a Medicina e a Matemática, domínio este em que veio a desenvolver o seu magistério, primeiro no liceu de Leiria, depois no central de Braga. O início da sua carreira foi, todavia, afectada pela instabilidade política que se vivia então, tendo sido particularmente atingido no governo dos Cabrais, ele que se tinha empenhado tanto, também no plano militar, na defesa das suas convicções progressistas, democráticas e republicanas (*Correio do Minho*, n. 167, de 22 de Setembro de 1903, *apud* VASCONCELOS, 1904, p. 129-130).

A sua ampla obra e relevância intelectual, particularmente destacada no ambiente bracarense, foi reconhecida por um conjunto extenso de entidades que o fizeram seu membro<sup>3</sup>, entre as quais se conta a nomeação para académico correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, mas também a pertença a agremiações científicas mais especificamente ligadas à arqueologia, tanto nacionais (Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, Instituto de Coimbra, Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz, Academia das Belas Artes de Lisboa) como estrangeiras (Imperial Instituto Arqueológico de Berlim, Instituto Arqueológico de Roma, Sociedade Arqueológica de Pontevedra).

<sup>2</sup> Essa circunstância é sublinhada por Pereira Caldas, referindo-se ao “honroso compatriota meu” (CALDAS, 1877, p. 285).

<sup>3</sup> Uma lista destas entidades pode encontrar-se em VASCONCELOS, 1904, p. 130-131, que transcreve uma ampla notícia biográfica publicada pelo *Correio do Minho* (n. 167, de 22 de setembro de 1903).

Quando, em 1874, Sarmiento inicia os trabalhos na Citânia de Briteiros, já Pereira Caldas tinha a larga tradição de contacto com questões arqueológicas e podia orgulhar-se da sua colaboração com uma das mais eminentes personalidades da arqueologia peninsular, Emílio Hübner. O contacto com ele derivou certamente da sua qualidade de académico da instituição de Lisboa, que respondeu a um pedido da sua homóloga berlinesa, participando, deste modo, no grandioso projecto do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (GUERRA, 2014, p. 222). Para além da colaboração passada, através de correspondência epistolar, Pereira Caldas tinha servido de guia ao epigrafista alemão na primeira visita que este realizou a Braga e à zona envolvente, no ano de 1861 (VASCONCELOS, 1904, 130; GUERRA, 2014, p. 222).

O seu perfil científico, especialmente no que à arqueologia diz respeito, foi traçado, com o seu habitual sentido crítico, rigor e exigência, por Leite Vasconcelos que reconheceu a sua qualidade de polígrafo, tocando os mais variados assuntos<sup>4</sup>, mas sublinhando, ao mesmo tempo, “a pouca tendência que ele tinha para profundar e atacar e resolver problemas científicos” (VASCONCELOS, 1904, p. 132). Ainda que o fundador do Museu Etnológico tenha tido sempre relações difíceis com ele, essas palavras não parecem injustas, pelo menos no que respeita ao domínio em análise. De qualquer modo, num período em que a ciência arqueológica dava os primeiros passos em Portugal, as suas incursões nessa vertente do conhecimento, apesar de pouco relevantes, adquirem por vezes um certo interesse, compreendendo-se, deste modo, a importância que lhe foi dada. Para tal deve ter contribuído o facto de nessa altura ter já dedicado alguma atenção às questões arqueológicas, em particular as que respeitavam a Caldas de Vizela. Não deixa de surpreender a precocidade da escavação aí levada a cabo ainda na primeira metade do séc. XIX (CALDAS, 1845) e uma monografia histórica dedicada à sua terra natal (CALDAS, 1853), na qual o próprio Leite de Vasconcelos destaca o seu contributo para o conhecimento da divindade local, *Bormanico* (VASCONCELOS, 1904, p. 133).

A correspondência trocada entre ambos põe em evidência o papel que Pereira Caldas assume como propoente e entusiasta da iniciativa científica (LEMONS, 1985, p. 199), conselheiro e auxiliar de Martins Sarmiento na tarefa de a preparar, constatando-se que os trabalhos em Briteiros e o estreitamento das suas relações durante este período devem-no ter estimulado a avançar com a criação de uma entidade que dinamizasse os estudos arqueológicos da região. Com esse objectivo nasceu a ideia de instituir o *Atheneu Archeologico de Braga* (OLIVEIRA & FERNANDES, 1984, p. 123), cujos estatutos chegaram a ser redigidos e subsistiram num manuscrito datado de 29 de Junho de 1876. O seu promotor chegou mesmo a imprimir o convite para o acto inaugural e a elaborar o discurso destinado a essa mesma ocasião, mas a instituição parece não ter tido real existência (VASCONCELOS, 1904, p. 133).

Pereira Caldas, como membro da Academia das Ciências de Lisboa, para além do prestígio desta instituição, tinha desenvolvido relações com alguns dos seus académicos que poderiam ter uma influência decisiva no próprio sucesso da conferência. Enquanto Martins Sarmiento era mais reservado e se sentia mais à vontade no seu meio local, o seu conterrâneo estava mais habituado a este mundo académico lisboeta e mantinha com ele bastante familiaridade. Por isso se compreende que Pereira Caldas tenha dado algumas ajudas concretas, assumindo, por exemplo, a tarefa de convidar, em nome do escavador da citânia, Bulhão Pato<sup>5</sup> e Alexandre Herculano, este através de carta dirigida ao primeiro.

---

<sup>4</sup> Um elenco bastante completo da sua obra pode encontrar em SILVA, 1860, 395; SILVA; ARANHA, 1885, p. 42-46; para uma breve análise da bibliografia arqueológica v. VASCONCELOS, 1904, p. 133-134.

<sup>5</sup> Embora as anotações marginais à carta Pereira Caldas indiquem que o convidou também a ele, Bulhão Pato apenas dá conta da resposta de Herculano, não aludindo a qualquer convite que lhe tenha sido dirigido e, talvez por isso, não estará presente na conferência

Compreende-se, desta forma, que ele tenha assumido um importante papel nas tarefas organizativas, tendo um grande peso na proposta e escolha de convidados, como se depreende de alguns passos da correspondência (p. ex. SARMENTO, 1924, p. 97), dos aspectos relacionados com os convites ou outras vertentes organizativas. Acabam ainda por constituir tarefas que lhe incumbem a participação na elaboração e a impressão do questionário que vai ser endereçado aos conferentes (v. *infra*) e preparação de um *Indiculo dos objectos d'exame na conferencia archeologica da Citania de Briteiros...* (CALDAS, 1877b), aparentemente uma ideia sua (v. *infra*).

### 3 – ANTÓNIO DE SOUSA HOLSTEIN (1838-1878), O CONSELHEIRO

De seu nome completo Francisco de Borja Pedro Maria António de Sousa Holstein (Fig. 4), Marquês de Palmela, seguiu uma já longa tradição familiar de dedicar uma especial atenção à arte e à arqueologia, que remontava pelo menos ao avô, D. Alexandre de Sousa Holstein (GUERRA, 2020) e foi continuada pelo pai, D. Pedro, Duque de Palmela (v. MATOS & CAMPILHO, 2001; GUERRA, 2020, p. 1440, 1463) o qual, entre outras demonstrações da sua ligação à arqueologia, conta o cargo de Presidente vitalício da Sociedade Arqueológica Lusitana. Depois de uma brilhante carreira académica que culminou com o doutoramento em Direito, o Marquês de Palmela, enveredou pela carreira diplomática, como era tradição da família, e uma das suas missões iniciais foi a de primeiro adido na embaixada de Roma, cidade a que os seus antecessores familiares estavam profundamente ligados. Esta vertente do seu percurso, que continuou com uma passagem por Florença, foi bastante breve, terminando em Agosto de 1859, mas acentuou ainda mais a sensibilidade artística e o gosto pelo colecionismo, herança dos seus ascendentes.

O seu regresso a Portugal coincide com a entrada na vida política, iniciando-se como deputado na legislatura de 1860-1861 e continuando como par do Reino, a partir de 1865, onde integrou diversas comissões. Mas a sua personalidade é especialmente conhecida pelas suas funções na Academia de Belas Artes, para a qual foi nomeado membro honorário em 1861 e, passado pouco tempo, em Junho de 1862, vice-inspector da mesma instituição. A estas se acrescentaram as suas responsabilidades na Sociedade Promotora das Belas Artes, entidade da qual se tornou presidente em Dezembro de 1861. O seu profundo empenho na promoção das Belas Artes em Portugal e da sua renovação exprimiu-se, de forma mais clara, num conhecido documento intitulado, de forma algo modesta, *Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal* (HOLSTEIN, 1875). Tratava-se, na realidade, de uma proposta abrangente que tomou como incumbência sua, na qualidade de presidente de uma comissão nomeada para o efeito, e de que era secretário Luciano Cordeiro, outro dos “conferentes” da Citânia. Com este documento se procurava renovar o ensino da Arte, mas, ao mesmo



Fig. 4 – O Marquês de Sousa Holstein, um apoio essencial na promoção dos trabalhos de Martins Sarmiento.

---

(SARMENTO, 1925, p. 7). No mais completo elenco dos convidados em que se discriminam igualmente todos os ausentes, não consta, de facto, no nome de Bulhão Pato (CALDAS, 1881, p. 345-346).

tempo, proteger, valorizar, divulgar e conhecer os monumentos artísticos e arqueológicos. Recorde-se que na Academia, que, entretanto, ganhara o título de “Real”, se ia constituindo o embrião do que virá a ser o Museu Nacional de Bellas Artes e Archeologia, criado em 1884. Entre o espólio que aí deu entrada se contaram muitos dos materiais que Estácio da Veiga tinha recolhido e com os quais projectava constituir o Museu Arqueológico do Algarve (CARDOSO, 2006, p. 47-50).

Parece ser claramente um dos grandes entusiastas das descobertas feitas na Citânia e, por isso, se afirma ele próprio como um activo divulgador dos trabalhos aí realizados e um dos seus visitantes mais ilustres. O Marquês de Palmela foi apontado como o primeiro a tomar contacto com os trabalhos realizados na Citânia (SARMENTO, 1904, p. 111), a 3 de Julho de 1876, na companhia do seu irmão, o Marquês de Monfalmim, e terá respondido de forma muito positiva a alguns anseios de Sarmiento, entre eles o da acessibilidade e o da protecção do sítio: “fallou em convencer o governo em fazer uma estrada para o alto, mandar um veterano guardar as antigualhas, etc.” Para além disso, solicitou autorização para dar conhecimento dos vestígios por ele observados aos seus sócios da Academia (SARMENTO, 1904, p. 49). Em carta de 26 de Julho de 1876, comunica que deu informação à Academia e que Pinheiro Chagas referiu esse facto no “Jornal de Manhã”, mas sente a necessidade de se dar mais ampla divulgação dos resultados dos trabalhos (HOLSTEIN & SARMENTO, 1939, p. 5-6).

A apresentação feita à Academia das Ciências de Lisboa de uma memória sobre aquelas investigações constitui uma grande iniciativa de divulgação, perante a comunidade científica, dos resultados das escavações promovidas por Martins Sarmiento (SAMPAIO, 1894, 45). Este empenho de Sousa Holstein parece contrastar com uma certa despreocupação do responsável pelas descobertas, como se depreende, por exemplo, de uma missiva dirigida a Pereira Caldas, não datada, mas que deve atribuir-se aos primeiros meses de 1877. Nela o escavador da citânia confessa a sua pouca disposição para escrever algo sobre esse sítio, não respondendo à maioria das solicitações de alguma imprensa nacional e local, enquanto “o Holstein” se empenha em colocar notícias nos mais destacados jornais do país, baseadas nas informações que ele transmite em mensagens de natureza privada (SARMENTO, 1922, p. 5).

Mantem-se interessado em tudo o que diz respeito à citânia, como se constata com um artigo de um tal John Latouche – na realidade, tratar-se-ia, segundo informa Sarmiento (1922, p. 6), do cônsul inglês no Porto, Oswald Crawford –, saído na *New Quaterly Magasin*, mais um relato de viagem que um verdadeiro artigo científico, que se publicou também, em versão portuguesa de Alberto Sampaio, no *Religião e Patria*, em folhetins<sup>6</sup>, a partir de 2 de Dezembro de 1876 (SARMENTO, 1924, p. 95; LEMOS, 1985, p. 198; SILVA, 1995, p. 263).

Por isso não surpreende que o vice-inspector de Academia de Belas Artes assumia algumas responsabilidades no que toca à organização da conferência, reflectida em distintos aspectos. Por um lado, é certamente consultado sobre as personalidades a convidar e, inclusivamente, sabemos que tomou a iniciativa de propor o nome de Estácio da Veiga (SARMENTO, 1925, p. 77), o qual, embora fosse uma personalidade desconhecida no meio, acabou por ser incluído no elenco (v. *infra*). Parece, todavia, que a amizade que se forjara entre eles e o entusiasmo de ambos com a citânia tenha colocado o marquês numa posição de relevo no momento em que se programava o evento. No convite dirigido a Nery Delgado, Sarmiento assume como delegação que lhe é atribuída por este a função de proporcionar todas as informações solicitadas (FERREIRA, 1969, p. 239), circunstância que se repete em outros casos (p. exemplo, com Possidónio da Silva, v. PIMENTA, 1933, p. 15).

---

<sup>6</sup> Esta publicação encontra-se disponível online <https://www.csarmiento.uminho.pt/site/s/sms/item/46267#?c=0&m=0&s=0&cv=0> (Consult. 11/04/2021).

## 4 – OUTROS PARTICIPANTES

Como se viu, a ideia de Sarmiento era dar à conferência um cariz de “reunião de trabalho”, para a qual pensava inicialmente, num número bastante restrito de pessoas. Percebe-se que a determinado momento vai admitindo, por sugestão de várias pessoas, um progressivo alargamento do número de convidados. Estes dividem-se em duas categorias: os “conferentes” ou “archeologos” e os jornalistas, uma vez que as circunstâncias lhe impõem progressivamente a necessidade de dar ampla divulgação ao acontecimento. Esta distinção nem sempre é fácil, como acontece, por exemplo, no caso de Manuel Maria Rodrigues, jornalista do *Comércio do Porto*, sobre o qual Sarmiento diz ser “convidado não como jornalista, mas como archeologo” (SARMENTO, 1923, p. 6). Este acabaria por publicar crónicas do evento nesse jornal, nos dias 12, 13 e 14 de Junho de 1877, as mais circunstanciadas da imprensa da época (LEMOS, 1985, p. 201).

### 4.1 – Os Conferentes

A lista dos que são convidados nesta qualidade (a mais completa encontra-se em CALDAS, 1881, p. 345-346) é muito ampla, incluindo nomes habitualmente não associados à vertente científica do evento. Numa avaliação global, nesta categoria se teria convidado mais de 45 personalidades, 25 das quais estiveram efectivamente presentes. É sintomático, no entanto, que um número substancial dos que compareceram sejam residentes no Minho, com especial destaque para a cidade de Braga, que se encontra representada por dez pessoas, facto a que não deve ser estranho o peso de Pereira Caldas na organização do evento, e Guimarães, por quatro. Nota-se, ainda, que não se assinala qualquer caso de ausência nestas cidades, mas o seu número é elevado no caso dos que residiam em Lisboa, uma vez que nove dos quinze não corresponderam ao apelo, o mesmo se passando com os originários das principais cidades (do Porto nenhum dos quatro; de Coimbra, faltaram três dos cinco convidados).

A Sarmiento interessava, acima de tudo, a presença dos representantes do meio académico e científico mais especializado, em particular de Lisboa e Coimbra, de que esperava um efectivo contributo para a resolução de algumas das suas dúvidas. Como se sabe, as suas expectativas não são correspondidas, apesar de estarem presentes, de qualquer modo, alguns dos nomes sonantes da arqueologia portuguesa de então, dos quais se traçará, em seguida, um breve perfil, tendo especialmente em conta o acontecimento aqui tratado.

#### 4.1.1 – Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896)

Fundador e grande impulsionador da Associação dos Architectos Civis Portugueses<sup>7</sup>, que em determinado período adicionou os Archeólogos e ainda ganhou o título de Real, é uma figura cuja história se confunde com essa mesma instituição. Fez carreira e distinguiu-se em particular como architecto, trabalhando para a Casa Real, nomeadamente em obras dos Palácios de S. Bento, da Ajuda e das Necessidades. A posição de relevo que adquiriu desde cedo no contexto da arquitectura em Portugal deveu-se em boa parte à sua sólida formação nesse âmbito, iniciada no Brasil, continuada em Portugal, na Aula Régia do Risco, e que culmina na École des Beaux Arts em Paris (MARTINS, 2019, p. 285).

Uma das facetas da sua acção em Portugal orientou-se para a protecção do património edificado, vertente que desenvolveu particularmente na sua formação em França e também na sua passagem por Itália.

---

<sup>7</sup> Sobre esta personalidade v., em geral, MARTINS, 2003.

Complementarmente, também a arqueologia suscitou o seu interesse, tendo recebido o impulso decisivo, que o lançou definitivamente nesse domínio, das actividades científicas previstas no âmbito da Exposição Universal de Paris, em 1867, entre elas o Congresso Internacional dos Architectos e o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, cuja segunda sessão se realizou nessa altura (MARTINS, 2001, p. 66-69). Possidónio da Silva participou pela primeira vez na quinta<sup>8</sup> sessão desse evento, que decorreu entre 1 e 8 de outubro de 1871, em Bolonha, com uma breve intervenção intitulada *Découvertes préhistoriques en Portugal* (SILVA, 1873, p. 333-337), a qual terminou com uma proposta de declaração dos congressistas no sentido de se exprimir o apreço a D. Maria II pela protecção concedida à ciência, especificamente à arqueologia pré-histórica (SILVA, 1873, p. 337). Sintomaticamente, entre a realização destes dois colóquios se altera a designação da Associação a que ele preside, incluindo, a partir de 1870, o termo “arqueólogos”, que espelha uma maior atenção, da sua parte e da própria instituição, a esta vertente científica.

A partir dessa data a arqueologia ganha, no seu âmbito uma importância crescente, passando a integrar progressivamente as principais figuras portuguesas desse domínio científico, incluindo, naturalmente, o próprio Martins Sarmiento. Por essa via, a relação entre ambos já vinha de tempos anteriores à realização da conferência, vindo-se a aprofundar especialmente com os acontecimentos relacionados com este evento. No entanto, a personalidade do arqueólogo da Citânia e os seus méritos foram assinalados em particular pela RAACAP quando uma proposta do seu presidente, datada de 7 de dezembro de 1875 (RAACAP, 1876, 11, p. 162) manifestava a vontade de conceder medalhas aos sócios Martins Sarmiento, Teixeira de Aragão e Filipe Simões (estes dois pelas publicações “pelas valiosas obras publicadas n’estes ultimos tempos” p. 163). Aprovada a proposta em 11 de Março de 1876, a Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses (RAACAP) concedeu formalmente a medalha de bronze ao “Dr. Francisco Martins Sarmiento, que tomou a iniciativa e generosamente concorreu, para ser restaurada no seu primitivo estylo a antiga igreja histórica de S. Miguel do Castello de Guimarães” (RAACAP, 1876, p. 162). Tinha, naturalmente, um especial valor esta distinção conferida ao vimaranense, uma vez que promovida por quem, ao longo da sua carreira, manifestara um especial empenho no conhecimento e protecção do património histórico edificado. Sarmiento, dados os traços do seu carácter, “não tanto por modéstia, como por amor à verdade”, escreve a Possidónio da Silva (carta de 17 de Março de 1876), protestando “/.../ para que tão insigne distincção comprehenda todos os membros da referida Comissão, /.../ além da minha modesta pessoa/.../”, a saber, Pereira Caldas e João Pinto de Queiroz, proprietário do periódico local *Religião e Pátria* (PIMENTA, 1933, p. 14).

Ao tópico dos riscos que o património corre, que os liga a ambos (MARTINS, 1999, p. 213-215), associa-se igualmente o facto de escavarem sítios de natureza muito similar. De facto, Possidónio da Silva, a partir dos finais de 1876, pouco depois de iniciados os trabalhos em Briteiros, fez intervenções na “cidade velha” de Santa Luzia, em Viana do Castelo (SILVA, 1877a, p. 28-30) e, inevitavelmente, verificou as afinidades entre os achados e os seus problemas, aproximando decisivamente estas duas figuras. Sabemos que a correspondência trocada entre eles (PIMENTA, 1933; MARTINS, 1999) se desenvolve especialmente a partir do convite para a visita à Citânia, neste caso dupla, documentando a admiração mútua. Mas Possidónio da Silva faz também questão de transmitir publicamente, tanto nas sessões da Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses como nas suas publicações, o apreço pelos trabalhos realizados em Briteiros (SILVA, 1877a, p. 27-28; 1877b, p. 40). Provavelmente uma das formas de exprimir o seu reconhecimento foi a admissão de Martins Sarmiento, a 3 de Maio de 1877, na condição de sócio efectivo da instituição a que presidia (FARIA, 1938, p. 75), dignidade

---

<sup>8</sup> A terceira sessão tinha-se realizado em Norwich e Londres, entre 20 e 28 de Agosto de 1868; a quarta em Copenhaga, entre 27 de Agosto e 5 de Setembro de 1869.

que aquele agradece, prometendo “mostrar que não sou de todo indigno da honra que V. Ex.<sup>a</sup> me conferiu” (carta de 18 de Maio de 1877, PIMENTA, 1933, p. 16).

Inevitavelmente, a ocorrência científica de 9 e 10 de Junho de 1877 acabou por marcar a História da arqueologia portuguesa. O seu carácter pioneiro foi de imediato reconhecido, o que justifica que Possidónio da Silva veja Sarmento como “iniciador e o fundador da conferencias archeologicas em Portugal” (SILVA, 1877b, p. 40). Por isso, ainda que esse título não tenha sido oficialmente atribuído ao evento, aparece por vezes como o 1.º Congresso Arqueológico Português (p. ex. em VILELLA, 1877, p. 12-13). O arqueólogo vimaranense, numa atitude que parece de genuína modéstia, recusa essa distinção, como se vê na declaração em epígrafe.

#### 4.1.2 – Augusto Soromenho (1834-1878) (Fig. 5)



**Fig. 5** – Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras (gravura da revista *Occidente*, 1878, p. 21).

A presença de uma personalidade algo controversa como Augusto Soromenho na lista de personalidades convidadas deve-se, acima de tudo, ao seu passado mais distante. É que, nesta altura, já a sua vida tinha sofrido alterações profundas, de certa gravidade, que o levaram a uma morte precoce, ocorrida alguns meses depois desta visita. Talvez seja essa uma circunstância que leva Sarmento a afirmar, com manifesto exagero, numa carta de 31 de Março de 1878 a Pereira Caldas: “Creio que morreram todos os conferentes da Citânia” (SARMENTO, 1925, p. 137). Soromenho tinha-se zangado definitivamente com o seu mestre e protector, o influente Alexandre Herculano, tinha deixado as responsabilidades no curso Superior de Letras, que durante alguns anos constituiu um dos seus suportes e tinha perdido boa parte dos seus amigos. Como dizia uma das pessoas que lhe era mais chegada, Ramalho Ortigão, foi esse desprezo a que foi votado que o conduziu a uma morte precoce, o que o leva a dizer que ele foi “sepultado vivo”.

Nos motivos do convite pesava provavelmente muito toda a sua história pessoal: em primeiro lugar, o facto de ter sido membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, tendo desempenhado durante largo tempo o cargo de seu bibliotecário, para o qual foi nomeado em 7 de Dezembro de 1857. Para além disso, também contavam os seus propalados méritos científicos, ligados ao facto de ser professor no Curso Superior de Letras, inicialmente na disciplina de Literatura Portuguesa, domínio em que chegou a gozar de bastante prestígio. Refira-se, por exemplo, a circunstância de ter sido ele precisamente o escolhido para tratar o tema “Literatura Portuguesa” no âmbito das célebres “conferências do Casino”, realizadas no ano de 1871, e que agitaram o meio intelectual português de então. Algum tempo depois, quando o seu prestígio no âmbito desse curso se tinha afirmado definitivamente, foi provido na cadeira de História Pátria, sendo então uma figura de relevo neste âmbito e, em particular, no da Epigrafia.

Inicialmente Soromenho ganhou algum prestígio na Academia das Ciências de Lisboa e acabou por ser o elemento indicado para estabelecer uma relação privilegiada com Emílio Hübner, de forma a responder ao pedido da congénere de Berlim no sentido de se prestar o apoio possível nas tarefas respeitantes à elaboração da monumental obra do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, que acaba por ser publicado em 1868. É esse contacto estreito com o epigrafista alemão e a familiaridade que vai ganhando com as inscrições latinas que lhe dão credenciais científicas nesse domínio, sendo reconhecido como tal pelos seus pares. Duas ocorrências

atestam esse reconhecimento: o facto de ser procurado para o estudo da célebre tábuca de Vipasca, de que faz a *editio princeps* (sobre as peripécias associadas a esta publicação v. GUERRA, 2014, p. 218, 221); e a circunstância de ser o autor da inscrição latina que se manda colocar no Arco da Rua Augusta, a respeito da qual várias opiniões desencontradas se proferiram, das quais saiu vencedora a sua (ALMEIDA, 1992, 57-59).

Essa sua ligação ao projecto do CIL levou a que a própria Academia das Ciências se encarregasse de promover uma versão portuguesa de *Notícias Archeológicas de Portugal* (HÜBNER, 1871), obra correspondente aos relatórios que Hübner publicou na sequência da sua viagem científica à Península Ibérica, entre os anos de 1860 e 1861 (HÜBNER, 1862), de que Soromenho foi o prefaciador e tradutor. Publicada pouco depois da edição do vol. II do CIL, dedicado à *Inscriptiones Hispaniae Latinae* (1869), esta obra continha três apêndices que a valorizavam (entre eles um dedicado às estátuas de guerreiros galaicos), tornando-se um instrumento acessível, porque em língua portuguesa, para todos os que se interessavam pela ciência das inscrições em Portugal, entre os quais Soromenho tinha um lugar de destaque.

A frequente ligação científica que mantém com E. Hübner, mas também, em menor grau, com Th. Mommsen (traduzida no plano epistolar), têm também alguma consequência na sua projecção no plano internacional, tornando-se membro de algumas das mais importantes agremiações arqueológicas da época: o Instituto Arqueológico de Roma e a Sociedade Arqueológica de Berlim.

É sintomático que Sarmiento o recorde em particular por um comentário que ele teria feito durante a conferência, e que o arqueólogo minhoto assume como “a mais importante profecia que ele me fez”, segundo a qual entre governo, academia e conferentes, raros seriam o que prestariam atenção às suas explorações arqueológicas (SARMENTO, 1948, p. 8). O escavador da Citânia, bastante desiludido de uma forma geral com o contributo dos visitantes, situa nessa mesma linha a sua opinião sobre a aportação de Soromenho, em particular no que se referia às questões colocadas pelas suas escavações em Briteiros. No entanto, nos elementos de que dispomos, vê-se que o arqueólogo vimaranense preza a sua opinião sobre aspectos de natureza epigráfica, a qual se manifesta especialmente em algumas das cartas trocadas com Camilo (BRANCO & SARMENTO, 1990). Num dos casos trata-se da questão da verdadeira natureza da sequência CAMAL ARG, particular que suscita frequentes observações suas, insistindo na ideia de que *Camal* corresponderia a um teónimo (BRANCO & SARMENTO, 1990, p. 41). Soromenho, conhecedor das inscrições da Lusitânia, não deixaria de recordar, com razão, os múltiplos casos em que este nome se apresentava como um antropónimo, contrariando a ideia sarmentina.

#### 4.1.3 – Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903) (Fig. 6)

Era, ao tempo da conferência, Cirurgião-Mor do Exército, tendo feito uma completa carreira de médico militar, o que o levou a vários pontos de Portugal, sendo de destacar a sua estância em Tavira, entre 1853 e 1858, que lhe permitiu um contacto com ruínas de *Balsa*, cuja necrópole estudou (ARAGÃO, 1868). Aí recolheu consideráveis materiais, uma parte dos quais foram conservados no hospital militar, entre eles se encontrando uma rara inscrição em grego, que ofereceu a Estácio da Veiga (ARAGÃO, 1868, p. 8).

No meio arqueológico é especialmente conhecido como numismata, domínio particular em que a sua capacidade científica foi largamente reconhecida, não apenas a nível nacional, mas também internacional. Para esta projecção fora de fronteiras contribui, em primeiro lugar, o livro *Déscription des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail* (ARAGÃO, 1867), catálogo preparado para a Exposição Universal que decorreu em Paris, em 1867, e na qual se incluía a vasta colecção de moedas do rei D. Luís (v. VASCONCELOS, 1904, P. 137; MATEU Y LLOPIS, 1949, p. 114) e que tinha precisamente como



Fig. 6 – Augusto Teixeira de Aragão, médico militar e numismata.

tema a História do Trabalho. Esta obra e o reconhecimento do seu saber conduziram à sua nomeação como Monetário Real e é nesta qualidade que publica a *Descrição histórica das moedas romanas existentes no gabinete numismático de Sua Magestade El-Rey o senhor Dom Luiz* (ARAGÃO, 1870).

Leite de Vasconcelos, sempre muito parco em elogios, mesmo quando se trata de uma notícia necrológica, apesar de algumas observações críticas, sublinha algumas das suas qualidades (VASCONCELOS, 1904, p. 136-142): distingue-o como “collecionador inteligente”, como pessoa que facilitava o acesso às suas colecções, como o cientista rigoroso de que destaca a obra *Descrição das moedas de Portugal*, a qual, na sua opinião, “bastava só por si para immortalizar um nome” (VASCONCELOS, 1904, p. 142).

Não é, por isso, surpreendente que também Teixeira de Aragão integre a principais instituições científicas portuguesas, particularidade que partilha com muitos dos principais convidados da confe-

rência (Academia Real das Ciências de Lisboa; Sociedade de Geografia), em especial as que têm a Arqueologia como um dos seus domínios principais (Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses e Instituto de Coimbra), bem como algumas das suas congéneres estrangeiras (Real Academia de la Historia, Academia dei Lincei – Roma, Societé Royal de Numismatique de Belgique, Instituto Histórico e Geográfico do Brasil).

Dado o seu prestígio e a circunstância de ser particularmente reconhecido como numismata, a sua presença era perfeitamente justificada, uma vez que o castro tinha inclusivamente proporcionado algumas moedas. Teixeira de Aragão explica que a sua resposta positiva ao convite constitui “um dever de cortesia e gratidão” (ARAGÃO, 1877, p. 39), aproveitando a circunstância para proceder a um estudo dos numismas aí encontrados e para tecer algumas considerações sobre diversos problemas colocados pelo sítio: os povos relacionados com a ocupação, as estruturas, a epigrafia, a *pedra formosa* e outras expressões da arte castreja, bem como sobre algum mobiliário arqueológico (ARAGÃO 1887; V. MARQUES, 2018, p. 103-104).

#### 4.1.4 – Luciano Cordeiro (1844-1900) (Fig. 7)

Esta figura, multifaceta e versátil, é conhecida pelas múltiplas actividades e funções a que se dedicou ao longo da vida<sup>9</sup>. Destaca-se a sua carreira na administração pública, onde começou com cargos modestos, mas nos quais veio a assumir muitas responsabilidades de chefia, tendo chegado a exercer o cargo de Director-Geral da Instrução Pública. Luciano Cordeiro desde cedo se tornou uma figura activa e profundamente empenhada na vida pública, emergindo na vida política como membro do partido Regenerador e deputado por Mogadouro (1882) e por Leiria (1884).

O seu percurso passou pelo desempenho esporádico funções docentes, como professor de Filosofia e Literatura no colégio Colégio Militar, durante um breve período (1871-1874). Nesse período chegou a candi-

---

<sup>9</sup> A título de curiosidade, refira-se que Luciano Baptista Cordeiro de Sousa, de seu nome completo, é pai do conhecido epigrafista José Maria Cordeiro de Sousa (1886-1968).

datar-se a docente no Curso Superior de Letras, mas foi preterido num concurso vencido por Teófilo Braga e que teve como terceiro candidato Pinheiro Chagas. Atribui-se-lhe um pequeno opúsculo (*O concurso do Curso Superior de Letras – Curiosidades – a questão jurídica*, Lisboa, 1872) em que se comentam os resultados desse procedimento concursal e se reclama por não ter sido escolhida uma personalidade formada nessa instituição, qualidade que só ele possuía.

Na sua carreira sobrepõe ainda a sua forte ligação ao jornalismo, assumindo aos 25 anos as responsabilidades de direcção de *A Voz de Setembro*, devido à sua estreita ligação à importante figura política de António Rodrigues Sampaio, que abandonava essa mesma função para exercer cargos governativos (MACHADO, 1981, 136). Apesar de ter assumido por pouco tempo essa responsabilidade, continuou como colaborador nesse e em vários outros periódicos, muitos deles importantes, e ele próprio se tornou proprietário do *Comércio de Lisboa* e fundou a *Revista de Portugal e do Brasil* [http://dichp.bnportugal.pt/imagens/Cordeiro\\_Luciano.pdf](http://dichp.bnportugal.pt/imagens/Cordeiro_Luciano.pdf) (consult. 10/04/2021).

Mas talvez um dos aspectos mais sublinhados do seu percurso, e para o assunto vertente sem dúvida o mais relevante, tem que ver com a sua actividade no âmbito da Sociedade de Geografia de Lisboa, para cuja criação, ocorrida em 1875, contribuiu de forma decisiva<sup>10</sup>. Contemporaneamente integra também a Comissão Central Permanente de Geografia, uma instituição de idênticos fins, de natureza oficial, criada por decreto governamental de 17 de Fevereiro de 1876, mas que um pouco mais tarde (por decreto de 12 de Agosto de 1880) virá a ser integrada na Sociedade de Geografia. Ainda que não sejam as instituições que determinam a escolha das personalidades convidadas para a “Conferência da Citânia”, sem dúvida que a qualidade de principal figura desta agremiação científica pesou muito no convite que lhe foi dirigido por Martins Sarmento. Tal como, naturalmente, o facto de o escavador de Briteiros ter sido nomeado membro da instituição presidida por Luciano Cordeiro se poderá ver como reconhecimento pelos meritórios trabalhos arqueológicos, que este tivera oportunidade de apreciar.

Uma das iniciativas que Sarmento toma antes de se lançar propriamente na organização da conferência residiu no envio de colecções de fotografias que ilustravam aspectos dos trabalhos que ele tinha desenvolvido em Briteiros (Fig. 8). Uma dessas séries de fotos é enviada à Sociedade de Geografia, tendo incumbido Luciano Cordeiro, na sua qualidade de secretário, de dar delas conhecimento aos seus consócios (CORDEIRO, 1876, p. 86), encargo que concretiza em reunião de 30 de Abril de 1877 (SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, 1876, p. 225). Esse facto não pode desligar-se da sua admissão como sócio correspondente dessa agremiação, a qual vem a ser aprovada em assembleia de 29 de Dezembro de 1876 (SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, 1876, p. 143-144). Após a sua deslocação à Citânia, não deixa de dar o devido relevo ao sítio, cumprindo dois objectivos: justificar a sua visita ao sítio e divulgar, em primeiro lugar no âmbito da Sociedade e depois a um público ilustrado, um dos monumentos paradigmáticos da arqueologia portuguesa (CORDEIRO, 1876).



Fig. 7 – Luciano Cordeiro, o representante da Sociedade de Geografia de Lisboa.

---

<sup>10</sup> Uma importante análise desta vertente da sua personalidade em CARVALHO, 1987, também em <http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/126-1> (consultado em 10/04/2021), onde ele é designado como “duca e maestro” dessa notável agremiação científica.



Fig. 8 – Outro aspecto dos vestígios arqueológicos de Briteiros (*Ilustração Portuguesa*, 1910, p. 478).

#### 4.1.5 – Augusto Filipe Simões (1835-1884) (Fig. 9)

É uma personalidade do mundo universitário, que foi Lente<sup>11</sup> de Medicina na Universidade de Coimbra, então a única do país (ainda que existissem cursos superiores em Lisboa e Porto), onde desenvolveu uma carreira breve, mas com aspectos dignos de relevo. Iniciou a sua formação académica em Matemática, mas mudando logo para Filosofia, tendo-se formado em 1855, e concluindo, mais tarde (1860), também o curso de Medicina. Entre os primeiros cargos desempenhados conta-se o de “facultativo do município de Goes” (1860-1862), seguido de professor do liceu de Évora, cidade onde ocupou o lugar de Bibliotecário da Biblioteca Pública, tarefa que exerceu de 1863 a 1872, sucedendo a Cunha Rivara (CARVALHO, 1888, p. 373), empenhando-se em particular na reorganização do Museu de Cenáculo, ao qual a biblioteca se encontrava ligada. Esta experiência justificou a sua nomeação como bibliotecário da Universidade de Coimbra, tendo dado início ao processo da sua reestruturação, que não teve tempo de concluir (CARVALHO, 1888, p. 378).

O aspecto mais marcante da sua actividade, tendo sobretudo em conta o tema deste trabalho, talvez resida no facto de ter sido um elemento preponderante do Instituto de Coimbra na sua fase inicial. Foi sócio efectivo desta instituição, que existia desde 1851, a partir de 13 de Janeiro de 1859, e no âmbito dela, em reunião da secção de Literatura e Belas Artes, se propôs a constituição de uma comissão de cinco membros que se encarregasse de “examinar os principaes monumentos architectonicos, existentes nesta cidade” e de os descrever e

---

<sup>11</sup> Filipe Simões tornou-se lente substituto em 1873 (e nessa qualidade visitou a Citânia) e, mais tarde (em 1882), lente catedrático.

estudar<sup>12</sup>. Mas a mudança de paradigma em relação a esta vertente só ocorre mais tarde, com a criação da secção de Arqueologia, integrada na Classe de Litteratura e Bellas Artes dessa academia, a cuja criação a sua figura se encontra especialmente associada. Esta secção é instituída na sequência de uma proposta por ele apresentada na sessão do dia 5 de Março de 1873, cuja comissão ficou desde logo constituída com oito personalidades, nas quais se incluía, naturalmente, o proponente<sup>13</sup>.

Essa iniciativa de Filipe Simões acabaria por dar igualmente origem ao respectivo Museu, como consta dos próprios documentos internos<sup>14</sup>. Este será uma realidade que se vai progressivamente formando, mas cuja existência se inicia também nesse momento, uma vez que, nessa mesma reunião “o Sr. Miguel Osorio, louvando as ideias do Sr. Dr. Filipe Simões, fez à associação offercimento de alguns objectos de valor archeologico que possui” (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873, p. 288), para além de doar algum espólio bibliográfico sobre a mesma temática. A esse espólio se deveria juntar, segundo a proposta desse benemerente associado, também um conjunto de “inscrições lapidares”, tanto as que a própria Reitoria da Universidade possuía, como as que tinham estado no Arco da Alegria e que eram propriedade da Câmara Municipal (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873, p. 288). O papel particularmente activo de Filipe Simões no âmbito desta secção reflectir-se-ia igualmente no facto de ele se ter disponibilizado para proferir uma conferência com o tema: *A arquitectura conimbricense até ao fim da Idade Média*. Esta experiência no domínio da museologia foi continuada por várias outras iniciativas neste domínio (uma síntese em FERREIRA & FREITAS, 2019).

Outra vertente das actividades relevantes no plano arqueológico nesta fase do Instituto de Coimbra consistiu nas escavações na cidade romana de *Conimbriga* e nos debates científicos em torno da história da cidade, em que participou activamente Filipe Simões. O interesse por este sítio arqueológico, no entanto, remontava já à entidade que a antecederia, o Instituto Dramático, formado no âmbito da Nova Academia Dramática, o qual anuncia que no dia 23 de Abril de 1840 se iniciaram “as explorações” de Conímbriga com uma visita às ruínas, tendo-se recolhido “várias medalhas e moedas dos romanos, e algumas inscrições” (FERREIRA, 2012, p. 76). Percebe-se que, com a criação da secção de Arqueologia, o entusiasmo pela cidade arruinada ganha novo fôlego e logo nas reuniões seguintes se debatem intensamente os problemas da cidade, onde foi substancial o contributo de Filipe Simões (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873). Contra a ideia de que se trataria de um acampamento, este sustentou que Conimbriga era uma cidade romana, com todos os seus elementos, habitações, templo, muralha, aqueduto, etc. (SIMÕES, 1875, p. 118-119).



Fig. 9 – Augusto Filipe Simões, o professor da Universidade de Coimbra.

<sup>12</sup> VASCONCELOS, 1896, p. 273.

<sup>13</sup> Para uma síntese das principais decisões tomadas nessa reunião v. VASCONCELOS, 1896, p. 274.

<sup>14</sup> O *Extracto da acta da reunião do dia 5 de março de 1873*, que relata o essencial, diz, a este respeito: “Propoz o sr. Dr. Augusto Filipe Simões que se nomeasse uma secção de archeologia e que numa das salas do Instituto se desse cabida aos monumentos archeologicos e epigraphicos que esta associação podesse adquirir e que chamassem a attenção dos que prezam as investigações archeologicas” (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873, p. 288).

É autor de alguma importante bibliografia arqueológica, onde se destacam obras dedicadas em especial à arquitectura medieval da cidade de Coimbra: *Relíquias da arquitectura romano-bizantina em Portugal, e particularmente na cidade de Coimbra* (SIMÕES, 1870), *Da arquitectura religiosa em Coimbra, durante a Idade Média* (SIMÕES, 1875), este correspondente ao texto da conferência prometida aquando da constituição da secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873, p. 288). Mas talvez a sua obra mais interessante no plano arqueológico seja a sua *Introdução à arqueologia da Península Ibérica* (SIMÕES, 1878), um trabalho precursor.

Tendo em conta todo o relevante percurso arqueológico anterior à celebração do evento, não surpreende que o seu nome tenha sido incluído no elenco dos convidados.

#### 4.1.6 – Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908) (Fig. 10)



**Fig. 10** – Joaquim Filipe Nery Delgado, o adjunto da Direcção da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal.

Este conhecido e elogiado geólogo e arqueólogo teve a sua formação no domínio da Engenharia Militar, tendo completado este curso na Escola do Exército, no ano de 1855 (ZILHÃO, 1993, p. 4; CARDOSO, 2008, p. 65). A sua personalidade científica não pode desligar-se do facto de ter integrado, desde a sua criação, em 1857, a 2.<sup>a</sup> Comissão Geológica de Portugal, assumindo o posto de adjunto. Nessa qualidade desenvolveu uma actividade sobretudo centrada na geologia, sendo uma das suas primeiras realizações, com Carlos Ribeiro, a Carta Geológica de Portugal (à escala 1:500 000), uma das tarefas essenciais do organismo em que se integrou, cuja 1.<sup>a</sup> edição ocorreu em 1876, precisamente no ano anterior à realização da Conferência da Citânia.

São bem conhecidos também os seus múltiplos contributos no domínio da Arqueologia, nomeadamente no domínio da Pré-História, em particular através dos seus trabalhos paradigmáticos em sítios como a gruta da Casa da Moura, no planalto das Cesaredas (Óbidos) e da Furninha (Peniche) (CARDOSO, 2020).

Parece que as primeiras intervenções nestas cavidades se realizaram nos anos de 1865 e 1866, como se depreende dos seus próprios cadernos de campo<sup>15</sup> e de uma informação contida no relatório dos *Trabalhos Geológicos* correspondentes ao ano económico de 1879-80, sendo claro que neste último período essas se retomaram e se ampliaram<sup>16</sup>. Os bons resultados dos trabalhos levados a cabo nessa fase mais precoce na Casa da Moura, Cesareda, justificaram que se desse deles conhecimento passado pouco tempo (DELGADO, 1867).

Deste modo, a presença de Nery Delgado no número de visitantes, poderia justificar-se em primeiro lugar pelo facto de integrar “a única instituição pública que desenvolvia actividade de investigação no domínio da arqueologia” (CARDOSO, 2008, p. 65), depois pela notoriedade destas suas primeiras iniciativas arqueológicas, num momento em que estas eram ainda muito escassas e em que a qualidade metodológica dos

<sup>15</sup> Segundo o que neles consta, o dia 19 de Janeiro de 1865 marcaria o seu início (ZILHÃO, 1993, p. 4).

<sup>16</sup> Reprodução do texto correspondente em CARDOSO, 2008, p. 71. Ver também, para uma visão completa e exaustiva dos trabalhos realizados na segunda campanha de escavações dirigida por Nery Delgado nesta gruta em 1879 e 1880, CARDOSO, 2020.

seus trabalhos, também hoje particularmente reconhecida (ZILHÃO, 1993, esp. p. 15; CARDOSO, 2020), já se tinha afirmado.

#### 4.2 – Outros participantes

Numa carta de 31-7-1879, dirigida a Pereira Caldas, Martins Sarmiento anuncia-lhe que está a escrever “um livreco” para corrigir afirmações de Hübner sobre a Citânia, mostrando vontade de o enviar a “cada um dos conferentes da Citania”. Com receio de se esquecer de algum, pede ao seu correspondente que lhe confirme se a lista “dos de Braga” que enuncia está completa e, ao mesmo tempo, o nome completo de dois deles. Desta forma ficamos a saber que, pelo menos para Sarmiento, a lista era consideravelmente mais extensa do que a enunciada nas várias descrições do evento, sendo surpreendente a inclusão, nesta categoria, de algumas figuras locais menos conhecidas e aparentemente menos versadas nos problemas que se iriam discutir.

Joaquim de Azevedo de Araújo e Gama, 1.º Visconde da Torre das Donas (1833-1883) foi governador civil do distrito de Viana do Castelo (1868, 1871, 1878) e é convidado na qualidade de representante do grupo dos entusiastas das escavações de Santa Luzia, em Viana do Castelo, certamente por indicação de Possidónio da Silva.

Dr. José Alfredo da Câmara Leme, conservador da comarca de Viana do Castelo desde 1870, estava na mesma condição que o anterior.

O Visconde de Pindella, João Machado Pinheiro Correia de Melo (1824-1891), natural de Guimarães, que era ao tempo presidente da câmara municipal de Braga e, para além disso, parente muito próximo da esposa de Martins Sarmiento (SARMENTO, 1923, p. 102), também se inclui, compreensivelmente, na comitiva. Acompanha-o Vicente Pindella, provavelmente o seu filho primogénito, nascido em 1852, e na altura estudante de Direito em Coimbra (termina o curso em 1879), aparecendo como representante da imprensa dessa cidade (CALDAS, 1881, p. 344) e que se apresenta como maestro que dirige a orquestra animadora do baile (*Religião e Pátria*, 13 de Junho de 1877).

Junta-se também Henrique Guilherme Thomas Branco, diplomado em engenharia civil pela Escola Politécnica do Porto, que foi director das obras públicas de Braga, vindo a tornar-se sócio efectivo da Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses em 10 de Dezembro de 1877 (FARIA, 1938, p. 77), portanto, pouco tempo depois da realização da conferência.

Participa igualmente Fernando Castiço, historiador bracarense, bem conhecido pela sua *Memoria Histórica do Centenário da edificação do Templo do Sanctuario do Bom Jesus do Monte*, personalidade local dedicada às antiguidades bracarenses e possuindo na sua casa um pequeno conjunto de inscrições romanas dessa cidade (BELINO, 1895, p. 36). É um dos que acompanham Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, na primeira visita destes à Citânia, no dia 8 de Abril de 1877, não sendo esse facto provavelmente estranho à circunstância de, pouco tempo depois, ter sido nomeado sócio correspondente da Sociedade de Geografia (CORDEIRO, 1877, p. 88).

## 5 – OS AUSENTES

Numa lista de convidados que parecia tão ambiciosa, é compreensível que nem todos tivessem disponibilidade para se deslocar a Guimarães, tanto mais que as sucessivas mudanças de data podem ter contribuído para a desistência de alguns. Mas haveria certamente outras razões que justificariam a ausência de algumas das figuras mais proeminentes de então no panorama cultural ou especificamente arqueológico.

### 5.1 – Alexandre Herculano

Tinha sido convidado mais pelo facto de ser uma figura de prestígio da academia do que propriamente por Sarmento esperar dele um contributo científico relevante, sendo de presumir que tenham sido particularmente Pereira Caldas e Sousa Holstein a sustentarem a necessidade de o trazer à Citânia. Será, de resto, o professor bracarense que se vai encarregar dos contactos com ele, usando Bulhão Pato como intermediário. Herculano mostra, simpaticamente, indisponibilidade para corresponder ao convite, invocando motivos de saúde e, ao mesmo tempo, as dificuldades em empreender uma viagem tão longa a Braga a Guimarães naquela idade (SARMENTO, 1925, p. 7-8). Na realidade, Alexandre Herculano, já retirado há muito na sua Quinta de Vale de Lobos, viria a falecer pouco tempo depois da ocorrência, a 13 Setembro de 1877.

### 5.2 – Carlos Ribeiro

Entre os nomes mais sonantes da arqueologia portuguesa se encontravam Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, da então designada Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, o primeiro dos quais era especialmente desejado pelo escavador da citânia. Esse interesse particular é esclarecido numa missiva de 8 de Fevereiro de 1877<sup>17</sup>, onde confessa que pretende ouvi-lo sobre uma estrutura que lhe parece ser um dólmen, integrada no castro, o que suscitaria a hipótese de estes povoados serem mais antigos, de origem pré-céltica (SARMENTO, 1922, p. 110), circunstância que conviria bem às convicções que mais tarde vai sustentar. Essa esperança de receber o ilustre geólogo é alimentada pela resposta afirmativa ao convite, de que dá conta em carta do dia 4 de Abril de 1877 ao seu amigo e correspondente bracarense (SARMENTO, 1923, p. 5), mas a alteração da data do evento, que ocorre alguns dias depois, acaba por frustrar essa expectativa.

Na realidade, vai ser Nery Delgado quem acaba por responder a Sarmento sobre esta questão para ele tão relevante, assunto que é tratado em missivas posteriores à conferência, na sequência da carta que Sarmento lhe remete a 17 de Dezembro de 1877, e que suscita uma troca de correspondência assídua que vem a desenvolver-se ao longo do mês seguinte (FERREIRA, 1969, p. 243-252).

### 5.3 – Estácio da Veiga

Estácio da Veiga surge na lista por sugestão feita pelo Marquês de Sousa Holstein a Martins Sarmento, como se depreende da correspondência trocada entre este e Pereira Caldas. Não podemos esquecer que, pelo menos desde os inícios do ano de 1876, Sousa Holstein reconhecia capacidades do arqueólogo do Algarve, dado que por proposta dele tinha sido incumbido oficialmente da intervenção na necrópole romana de Marim para a qual se tinha disponibilizado, invocando o seu conhecimento das realidades romanas daquele território (carta de 2 de Fevereiro de 1877, em PEREIRA, 1981, Documento nº. 13; CARDOSO, 2006, p. 303). Para além disso, os seus méritos científicos já tinham sido anteriormente reconhecidos por instituições prestigiadas, como a Real Associação de Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, que o admitiu em 1873, ainda que ele próprio tivesse tomado a iniciativa de se desligar dela, em 1875 (CARDOSO, 2006, p. 298). Pouco depois, em 18 de Novembro de 1875, foi proposto para sócio da Academia das Ciências de Lisboa, tendo sido admitido na Segunda Classe em 8 de junho de 1876 (CARDOSO, 2006, p. 299).

---

<sup>17</sup> Mais genericamente, manifesta-se igualmente em carta que Sarmento dirige a Nery Delgado em 20 de Março de 1877 (FERREIRA, 1969, p. 240).

As suas competências no domínio arqueológico eram pois bem conhecidas de Sousa Holstein (CARDOSO, 2006, p. 303) e por isso se compreende que o nome de Estácio da Veiga surja entre os convidados, quando se pensava ainda realizar o evento no ano de 1876, como recorda Sarmiento em carta a Pereira Caldas, datada de 30 de Outubro de 1876 (SARMENTO, 1925, p. 77; FABIÃO, 2019, p. 87). O arqueólogo algarvio responde a 26 de Novembro de 1876 (FERREIRA, 2007-2009, p. 124-125), agradecendo o convite e invocando uma série de razões que poderiam limitar o alcance da sua participação: desconhecer as realidades arqueológicas do Norte de Portugal e estar empenhado numa série de trabalhos, entre os quais cita a publicação das suas *Antiguidades de Mafra* (VEIGA, 1879) e, em particular, o estudo da tábuca de bronze de Aljustrel, “cuja lição epigráfica, assaz difícil, franquei ao distinto escritor Augusto Soromenho” (sobre os problemas que vem a suscitar esta colaboração v. GUERRA, 2014, p. 218). Apesar disso, acaba por aceitar esse convite “com particular satisfação” (FERREIRA, 2007-2009, p. 124), mas o adiamento da conferência e os acontecimentos subsequentes à grande cheia do Guadiana, em 7 de Dezembro de 1876, vão mudar completamente a sua disponibilidade.

Quando se projecta para o período pascal a realização da conferência, o nome de Estácio da Veiga surge novamente, mas este desta vez nem sequer acusa a convocatória, como assinala Martins Sarmiento (SARMENTO, 1923, p. 5; FABIÃO, 2019, p. 87). A razão de tal atitude prende-se por, entretanto, ter sido oficialmente encarregado, por portaria de 11 de janeiro de 1877, do “exame das antiguidades” da região afectada pelas cheias do Guadiana (CARDOSO, 2007, p. 302-304; FABIÃO, 2019, p. 87-89), e em particular para os seus efeitos na vila de Mértola, pelo que já não responde à missiva que lhe foi dirigida. Apesar de só ter chegado a Mértola a 2 de Março de 1877, Estácio da Veiga andaria particularmente ocupado com esta e outras tarefas, o que justificará essa falha, somando-se ao facto de ter mudado de residência entre 5 e 14 de Fevereiro, trocando a sua morada na zona de Palhavã por um terceiro andar na R. de S. José (CARDOSO, 2007, p. 310-312).

## 6 – PERIPÉCIAS DA ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

Persiste por vezes alguma confusão a respeito das datas em que ocorreu a conferência da Citânia, talvez porque o evento foi sendo sucessivamente adiado. A primeira ideia era realizar a conferência no Outono de 1876 (LEMOS, 1985). Parece que o primeiro dia apazado teria sido 4 de Novembro de 1876, como poderá ser sugerido por uma notícia colhida no Correio do Minho (n. 167, de 22 de Setembro de 1903, transcrita em VASCONCELOS, 1904, p. 130), o qual, numa sùmula biogràfica de Pereira Caldas aponta, erradamente, mas talvez com base em alguma informação documental, esse momento como o da efectiva realizaçã do encontro científico. O próprio Leite de Vasconcelos, geralmente bem informado e bastante rigoroso, aponta 1876 como o ano da realizaçã do “congresso archeologico da Citania de Briteiros, no Minho, promovido pelo fallecido archeologo Martins Sarmiento” (VASCONCELOS, 1901, p. 53); Sande Lemos aponta a data Março de 1877 (1995, p. 117), mas no mesmo artigo situa a mesma em Junho desse mesmo ano (LEMOS, 1995, p. 120).

Sabemos que, gorada a possibilidade de a reuniã se concretizar ainda em 1876, foi marcada para 8 de abril de 1877 (carta de 18 de Março, SARMENTO, 1922, p. 241-242; LEMOS, 1985, p. 200), isto é, no domingo seguinte ao da Páscoa, ainda incluído no período de férias, circunstância que, segundo Sarmiento, seria vantajosa e desejável (Carta de 14 de Fevereiro in SARMENTO, 1922, p. 111). Além disso, permitiria preparar a realizaçã com mais tempo e superar, eventualmente, as dificuldades que a primeira data teria levantado. Um momento decisivo na preparaçã do acontecimento parece ter sido uma visita ao sítio, em meados de Março, “com o fim de verificaçã de alguns tópicos d’exame d’aquellas ruinas venerandas” em que participaram Sarmiento e Pereira Caldas “com alguns amigos d’um e outro”, anunciando-se que a conferência “deve

ter lugar nos dias 8 e 9 do próximo abril” (*Correio do Minho*, 22 de Março de 1877, transcrito em OLIVEIRA & FERNANDES, 1984, p. 123, nota 60).

Realizam-se os convites, dispõe-se já de um elenco avultado de personalidades, apesar de algumas inevitáveis ausências, quando Sarmiento, muito perto do dia aprazado, coloca a hipótese de ele ser de novo protelado. Só em carta do dia 1 de Abril de 1877 (SARMENTO, 1922, p. 369), dia de Páscoa e a uma semana de distância, Sarmiento pondera novo adiamento do evento, e essa possibilidade passa a certeza numa missiva do dia seguinte (SARMENTO, 1922, p. 370), anunciando, ao mesmo tempo, que tinha já começado a enviar os avisos dessa alteração. A justificação dessa mudança encontrava-se nas condições meteorológicas, que exigiram tempo estável ao longo de vários dias e que, não se verificando essas circunstâncias, seria melhor protelar a sua realização, o que acabou por acontecer.

Esse adiamento tão próximo da data aprazada acabou por causar alguns embaraços, como aconteceu no caso de Luciano Cordeiro, que já tinha iniciado a sua viagem e no dia 4 de abril se encontrava em Viana do Castelo, pronto para rumar a Braga ou Porto, para depois se dirigir a Guimarães, sugerindo, por isso, ao seu anfitrião que o adiamento anunciado não fosse superior a dois dias. Sarmiento encarrega Pereira Caldas de lhe entregar a carta em que se dissipavam todas as dúvidas sobre uma suspensão, *sine die*, do evento (carta de 6 de abril de 1877, SARMENTO, 1923, p. 8), mas Luciano Cordeiro apresenta-se mesmo por esses dias. Este descreve a sua viagem, a partir de Braga, na companhia de Gabriel Pereira e dos bracarenses Fernando Castiço e Manuel Marques da Costa, bem como a visita a Briteiros, guiada por Martins Sarmiento e Pereira Caldas (CORDEIRO, 1877, p. 88; cfr. SAMPAIO, 1894, p. 45). Assinale-se que Gabriel Pereira é identificado como um dos ausentes na conferência do dia 9 de Junho (CALDAS, 1881, p. 345), pelo que daqui se presume que estas indicações se referem a uma ida de Luciano Cordeiro à citânia de Briteiros em data anterior.

Por uma publicação de Pereira Caldas na revista *La Academia* (CALDAS, 1877a) ficamos a saber dos pormenores que envolveram esta chegada indesejada, mas não inesperada, de Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira. A subida à citânia de Briteiros acabou por ocorrer no próprio dia previsto, isto é, a 8 de Abril, “apesar do chuvoso do tempo”, depois de o professor do liceu bracarense ter telegrafado ao anfitrião, que os esperou nas Caldas das Taipas (LEMOS, 1985, p. 200-201). Para além de uma breve descrição do que mais suscitou a atenção dos ilustres convidados, o narrador do evento, muito atento a esse aspecto, dá conta da componente social, “um jantar esplêndido, animado sempre d’uma conversação ilustrada, como decerto nunca se ouvira no salão da hospedaria das *Caldas das Taipas*” (CALDAS, 1877, p. 285).

No caso de Possidónio da Silva a situação era ainda mais delicada, porque este anunciava mesmo a sua chegada. No relatório que apresenta à Associação a que presidia explica precisamente que “tendo só recebido na cidade do Porto contra-aviso”, acabou por rumar a Viana do Castelo, onde já se encontrava no dia 11 de Abril, preparado para subir ao monte de Santa Luzia (SILVA, 1877a, p. 28). De qualquer modo, o arqueólogo vimaranense pensa já em encontrar também uma solução de recurso para ele, prevendo uma visita que deveria culminar com um jantar nas Taipas, circunstância que não exigiria a logística complexa que ele tinha concebido para o tão desejado acontecimento. Na iminência de receber Possidónio da Silva isoladamente e, na eventualidade de o mesmo vir a acontecer com Luciano Cordeiro, Sarmiento já admite que não seria mesmo má ideia uma conferência feita “aos pelotões” (SARMENTO, 1923, p. 8). E, na realidade, é o que acaba, em parte, por acontecer.

Possidónio da Silva não se apresenta logo em Guimarães, mas, como se disse, segue primeiro para Viana do Castelo, onde chega a 11 de Abril, dando início a uma escavação no castro de Santa Luzia, de que resulta a descoberta de um conjunto bastante amplo de estruturas, quase todas circulares ou elípticas (SILVA, 1877a, p. 28-29). Estes trabalhos terão terminado no dia 17 do mesmo mês, altura em que recebeu a visita das autoridades locais (SILVA, 1977a, p. 30), dirigindo-se a Braga no dia seguinte, onde é recebido por Pereira Caldas e

este, por sua vez, avisa Sarmiento, ajustando a subida a Briteiros para 19 de Abril, a partir de Caldas das Taipas. “Chegados de Braga alli, fomos todos ao monte da Citania, onde o illustrado creador do museu do Carmo em Lisboa – apesar do que tem visto e examinado no estrangeiro – declarou estar surpreso e maravilhado e concordar em tudo e por tudo com a *hypothese celtista*”<sup>18</sup> (CALDAS, 1877, p. 285 ; LEMOS, 1985, 201).

Essa alteração de data acabou por ter outras consequências indesejadas, tendo levado à desistência de alguns dos que já tinham confirmado a sua presença, em certos casos com manifesta mágoa para o seu principal promotor. Não pode esquecer-se que este tinha manifestado um interesse muito particular em ouvir a opinião de Carlos Ribeiro (“eu desejaria principalmente o Carlos Ribeiro”, diz ele em carta de 8 de Fevereiro de 1877, v. SARMENTO, 1922, p. 110), o qual tinha confirmado a sua presença na Citânia no domingo de Pascoela, mas que já não irá responder da mesma forma à nova convocatória.

Entretanto Sarmiento vai pensando numa nova data mais adequada e em carta de 23 de Abril coloca a possibilidade de se estabelecer o dia 6 de Maio (SARMENTO, 1923, p. 99); porém, a 4 de Maio, já se refere uma outra hipótese, a de 23 e 24 de Maio, sempre sob reserva e por isso rodeando-a de algum secretismo, lamentando assim que o periódico *Religião e Patria* tenha anunciado os dias 22 e 23 desse mesmo mês (SARMENTO, 1923, p. 102). No entanto, neste caso concreto, para além das dificuldades tradicionais – a ameaça das condições meteorológicas, porque “de New York dam mau tempo desde 22 a 26” (SARMENTO, 1923, p. 100), vem-se juntar um outro sério impedimento: nessa data será julgado “e provavelmente condenado” um parente próximo da sua mulher, precisamente Vicente Pindela, um dos participantes na conferência, pelo que “é preciso deixar passar alguns dias de *lucto*” (SARMENTO, 1923, p. 102). Já desesperado com tanto adiamento (“parece que o diabo se tem divertido a semear obstáculos à malfadada conferencia”) aponta para um período entre 10 e 15 de Junho (SARMENTO, 1923, p. 102).

Finalmente acerta-se a data em que a conferência vai mesmo ocorrer. A tradição consagrou o dia 9 de Junho de 1877, mas talvez valha a pena recordar que ela decorreu em dois dias seguidos e que a vertente considerada mais importante por Sarmiento, isto é, a discussão entre os pares das questões relativas à citânia, uma parte das quais tinha sido plasmada no questionário, teve lugar no dia 10 de Junho. Para ele esse era o verdadeiro dia da “conferência”, distinto da visita ao sítio, que tinha ocorrido no dia anterior. Talvez por essa razão um dos raros documentos em que se aponta o dia 10 de Junho como a data da sua realização seja precisamente um manuscrito seu, correspondente ao relato dos trabalhos de escavação levados a cabo nesse período, na citânia, em relação aos quais Sarmiento justifica a ausência de informação entre 3 de Junho e 20 de Junho pela escassez de achados e pela falta de tempo causada pelos preparativos da visita e da conferência, indicando esse dia (SARMENTO, 1905, p. 8, nota 1). Desta forma, é claro para ele que o evento era constituído por duas partes, de natureza e importância distintas: a visita e todos os actos oficiais e sociais inerentes, a 9 de Junho; e, no dia seguinte, a parte mais substancial, a que tinha motivado verdadeiramente Sarmiento a realizar a convocatória e da qual ele esperava obter esclarecimento sobre as principais questões científicas que directamente colocara os visitantes.

O questionário arqueológico, uma das componentes fundamentais da conferência, é um dos aspectos ajustados previamente entre Sarmiento e Pereira Caldas e dessa partilha de opiniões dá conta a correspondência trocada entre ambos nesse período de preparação. Surge de forma mais clara, mas ainda algo vaga, em carta de 20/3/1877 (SARMENTO, 1922, p. 243). No entanto, numa extensa missiva datada de 23/3/1877, já perto do que seria uma das datas previstas para a conferência, ele remete finalmente o texto numa versão bastante

---

<sup>18</sup> Pereira Caldas insiste, tanto a respeito de Possidónio da Silva como de Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, na concordância de todos com a *hypothese celtista*, ideia que dominaria, nessa altura, o pensamento sarmentino, mas que irá sofrer uma radical inversão (GUERRA, 1999).

completa, ainda que o apresente como um documento “redigido à pressa”, em sete pontos, submetendo-o à consideração do seu interlocutor (SARMENTO, 1922, p. 365-368). Todavia, na correspondência seguinte (de 1 e de 2/4/1877) torna-se claro que acaba por ser adiado o encontro científico e, portanto, a impressão da versão definitiva do documento, que estaria a carga de Pereira Caldas (SARMENTO, 1922, p. 369), torna-se, naturalmente, menos urgente.

Na realidade, a versão definitiva desse texto, será constituída por nove perguntas (uma transcrição integral em CALDAS, 1881, p. 342-344), algumas delas com múltiplas interrogações correlacionadas, acrescentando-se alguns quesitos e alterando-se outros. As novidades introduzidas dizem respeito a três tópicos: o problema do abastecimento de água ao povoado, que constitui o ponto V do questionário definitivo; a natureza dos artefactos e sua procedência (ponto VI); e as razões que levaram ao fim da Citânia, bem como cronologia deste momento (ponto IX).

Mantiveram-se, desde logo, as duas questões iniciais, de natureza linguística, relativas ao significado da palavra *citânia*, a sua relação com *Cidadelhe* e *Cividade*, a sua etimologia e a sua eventual afinidade com o termo inglês *Cytiau* (quesitos I e II). Também faziam parte do plano inicialmente concebido por Sarmento a interrogação sobre a Pedra Formosa e a sua função (quesito VII) e o problema dos rituais funerários (quesito VIII), sobre os quais o interesse do escavador da Citânia é grande, lamentando, todavia, o facto de não ter encontrado ainda a necrópole, apesar dos muitos esforços nesse sentido (p. ex. em carta a Possidónio da Silva, de 28 de Junho de 1877, PIMENTA, 1933, p. 19-20).

Naturalmente, o escavador da citânia estava particularmente empenhado neste documento e no que dele resultaria, uma vez que daí dependeria em boa parte o sucesso científico desse encontro. Mas as condições em que este se realizava, os conhecimentos da época e a perspectiva com que os conferentes se apresentavam não eram propícios a que se obtivesse o efeito desejado por Sarmento, acabando por se revelar algo frustrante.

O outro documento complementar apresentado aos visitantes foi o *Indiculo dos objectos d'exame na Citania de Briteiros entre Braga e Guimarães*, uma ideia de Pereira Caldas. Em Carta de 20/3/1877, Sarmento parece mostrar-se bastante crítico em relação a essa iniciativa, não percebendo bem a natureza desse documento e parecendo mesmo pôr em causa a utilidade ou pertinência de alguns dos tópicos lá incluídos (Cartas de 20 e 21/ 3/ 1877 – SARMENTO, 1922, p. 242-245). No entanto, o projecto vai-se aproximando dos objectivos que o escavador da citânia entende adequados, a saber, servir de guia de observação na visita ao sítio, pelo que acaba por ser materializado numa publicação (CALDAS, 1877b).

## 7 – O BALANÇO DA CONFERÊNCIA

O acontecimento conhecido como a “Conferência da Citânia”, para além ter um forte impacto na vida da comunidade vimaranense de então, adquiriu na altura alguma repercussão no plano nacional. O principal indício dessa projecção mais ampla residiu no facto de algumas publicações terem enviado representantes a acompanhar o acto. Numa das descrições desse evento dá-se conta da presença do “Diário da Manhã”<sup>19</sup>, da

---

<sup>19</sup> Este jornal lisboeta tinha sucedido, em 1876, ao periódico político “A Discussão”, mantendo-se na direcção Pinheiro Chagas, o qual, por sua vez, era sócio fundador da Sociedade de Geografia, de recente criação (1875), a mesma instituição que estava representada neste evento por Luciano Cordeiro. Essa circunstância poderia justificar o particular interesse da publicação neste evento.

“Democracia”<sup>20</sup>, do “Comércio do Porto”, do “Comércio Português”<sup>21</sup> e da “Borboleta” [são enviados: Apolino da Costa Reis (O Commercio Portuguez); Manuel Maria Rodrigues (Comercio do Porto), Magalhães Lima (Democracia), Gervasio Lobato (Diario da Manhã)]. Pelo menos alguns deles jornais de certa projecção, correspondendo à sua importância, reflectida na presença de algumas figuras proeminentes das mais importantes instituições científicas e culturais do país: a Academia Real das Ciências de Lisboa, a Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, a Sociedade de Geografia, a Academia Real das Belas-Artes, o Instituto de Coimbra e a Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal.

De um modo geral, as apreciações à forma como decorreu a conferência são muito positivas, tanto a nível da imprensa local e nacional, como do meio científico, não se poupando elogios ao evento e ao seu principal promotor e, não menos importante, ao seu suporte económico. Apesar da participação de outros na organização do evento, era natural que os principais méritos dessa realização recaíssem em Martins Sarmiento. Tenha-se em conta que, à semelhança do que já acontecia com as escavações, toda a iniciativa era suportada economicamente por Martins Sarmiento, tendo apenas como contributo suplementar uma oferta do município de Guimarães que consistiu num evento social, um baile.

São especialmente favoráveis os ecos na imprensa local e nacional, à qual arqueólogo vimaranense não dava uma especial atenção, mas que se apresentava como um elemento essencial para Pereira Caldas e mesmo para Sousa Holstein. Os periódicos da cidade sublinhavam, naturalmente, a grande projecção que aquele acontecimento, de relevância nacional, tinha para uma cidade com um passado tão glorioso, como se verifica no relato do periódico *Religião e Pátria* de 13 de Junho de 1877: “Esta conferencia memorável, a primeira do seu género iniciada em Portugal, abriu sem duvida para a historia de Guimarães, rica já de si, uma das suas paginas mais gloriosas. /.../ A cidade, que foi berço da monarquia, vai assim engastar na coroa das suas pristinas glórias mais o padrão de iniciadora, no país, destes utilíssimos congressos, de que tantas vantagens pode tirar a ciência”.

Em outro sentido, talvez o mais significativo reconhecimento pelos méritos da conferência e especialmente do seu organizador, e também um dos mais imediatos, consistiu numa carta que os diferentes participantes endereçaram a Martins Sarmiento<sup>22</sup>.

Por outro lado, um evento científico com aquela importância e dado o seu carácter pioneiro, foi aproveitado para se pensar em iniciativas que dinamizassem a investigação arqueológica e que pudessem materializar-se em algumas estruturas, tanto a nível local, como nacional. Como se viu *supra*, no plano regional lançaram-se as bases do *Atheneu Archeologico de Braga*. No plano nacional, a circunstância de um bom número de arqueólogos se terem reunido no que foi realmente tomado com o primeiro congresso português e o facto de ali se encontrarem alguns dos mais influentes, justificou a iniciativa, de que se faz eco Sá Vilela, de criar um organismo que permitisse dar novo rumo à arqueologia, “para a continuação dos trabalhos archeologicos no nosso paiz; e para a renovação destes congressos nas províncias d’elle” (VILELLA, 1877, p. 12). Uma proposta

---

<sup>20</sup> Jornal de Lisboa, dirigido por José Elias Garcia, que publicou o seu primeiro número a 12 de Outubro de 1873.

<sup>21</sup> Tratava-se de um jornal do Porto, cuja publicação se iniciou em 1875, e que teve como director Eduardo Monteiro Nunes de Carvalho. Sarmiento lamenta que, numa crónica posterior desta publicação se tenha depreciado a citânia, “dizendo que fora uma olaria e uma carvoaria” (SARMENTO, 1905, p. 31).

<sup>22</sup> Subscreveram-na, para além dos “conferentes” Marquez de Sousa Holstein, Augusto Filipe Simões, José Joaquim Pereira Caldas, Augusto Teixeira d’Aragão, Joaquim Nery Delgado, Luciano Cordeiro, Augusto Soromenho, os representantes das escavações de Santa Luzia, o Visconde da Torre das Donas, e José Alfredo da Camara Leme, e outras figuras Dr. Antonio d’Assis Teixeira de Magalhaes, os jornalistas: Gervasio Lobato (Diário da Manhã), Manoel Maria Rodrigues (Comércio do Porto), Apolino da Costa Reis (Comércio Português) e Magalhães Lima (Democracia) (transcrita em P., 1954).

concreta foi avançada por Pereira Caldas, apontando-lhe a designação de *Centro Archeologico Português* cujos estatutos chegaram mesmo a ser publicitados num periódico bracarense (CALDAS, 1877c). No entanto, discutindo-se o assunto em plena conferência, Augusto Soromenho sustentou a opinião segundo a qual esse organismo se deveria designar como *Associação Archeologica Martins Sarmiento*, propondo o escavador da Citânia para seu presidente (SIMÕES, 1888, p. 289; OLIVEIRA & FERNANDES, 1984, p. 125).

Na realidade nenhuma dessas entidades acabou por ganhar uma existência efectiva, mas pode considerar-se que o evento teve a vantagem de suscitar uma reflexão sobre o estado da investigação arqueológica e sobre os seus percursos futuros, especialmente no plano institucional. Fixar-se como objectivo dar continuidade a esta iniciativa pioneira significava, por si só, conferir-lhe uma importância considerável e valorizar o trabalho dos seus promotores, em especial a Martins Sarmiento. O “grupo de sábios” não lhe poupou elogios e partilharia certamente as breves mas sugestivas palavras de Possidónio da Silva sobre a conferência – “A recepção não podia ser mais brilhante, e o illustre proprietario d’aquellas antiguidades, dispensou as mais delicadas e generosas atenções aos seus hospedes. /.../ o serviço prestado á archeologia e ao estudos d’esta sciencia em o nosso paiz, pelos esforços do sr. Martins Sarmiento, são de tal ordem, que todos os que presam devidamente e suas uteis investigações lhes tributaram merecidos louvores; e seu nome ficara vinculado no annaes do paiz, como o iniciador e o fundador das conferencias archeologicas em Portugal” (SILVA, 1877b, p. 40).

No entanto, o presidente da RAACAP faz-se eco da perspectiva mais crítica do colega vimaranense sobre a sua escassa utilidade no plano científico: “todavia, o resultado da conferencia não correspondeu ao empenho que manifestára o sr. dr. Sarmiento, pois que não se tratou de todos os principaes quesitos do programma, nem tão pouco se resolveu cousa alguma ácerca da origem d’aquellas ruinas /.../” (SILVA, 1877b, p. 40).

Essa desilusão parece corresponder à de Martins Sarmiento e exprime-a ele próprio de forma ainda mais acentuada, fazendo alguns balanços perpassados de modéstia e de desencantamento com os resultados da iniciativa: “Disse não sei quem que fui o iniciador das conferencias archeologicas em Portugal. O título realmente é apparatuso; porem a verdade é que nunca tive intenção d’iniciar cousa nenhuma. Lembraram-me p<sup>a</sup> reunir na Citania alguns entendedores, e cahi na asneira d’annuir, principalmente porque contava esclarecer-me em materias, de que nada sabia, e pelas quaes as excavações me iam fazendo interessar. /.../ As cousas correram doutro modo e quasi diplomaticamente; mas é claro que a culpa não foi minha.” (SARMENTO, 1948, p. 7).

Percebe-se claramente que os objectivos por ele fixados tinham sido completamente frustrados, não trazendo o contributo para o esclarecimento das questões que tinha tão cuidadosamente preparado. Esse desencanto foi confessado mais tarde, numa carta a Camilo Castelo Branco (BRANCO & SARMENTO, 1990, p. 41): “A Citânia tem já feito escrever muita folha de papel; mas quem comparar o que está escrito vê que tudo é repetição das primeiras notícias e que os nossos bons arqueólogos, alguns dos quais visitaram as ruínas e tinham à vista as fotografias dos principais achados, não adiantaram um fragmento de ideia.” Quem tinha tanto interesse em aprender com os ilustres visitantes, quem queria discutir longamente os assuntos que se colocavam e constata que nem uma coisa nem outra acontece, só poderia sentir que os objectivos que tinham presido à realização da conferência tinham sido frustrados. A frustração de Sarmiento era resultado de uma visão utópica sobre o conhecimento científico de então, em particular o dos seus hóspedes, e a sua capacidade para encontrar respostas aos quesitos que tinha preparado. Enquanto ele, numa fase pioneira da investigação sobre os castros, levava já alguns anos de observação e reflexão sobre aqueles vestígios arqueológicos e ia acumulando leituras sobre as questões de arqueologia, antropologia e etnologia que lhe permitissem questionar essa realidade, a muitos dos seus convidados faltava quase tudo isso. Era mais natural que, tendo ouvido falar

das novidades que Briteiros trazia e tendo oportunidade de conhecer o sítio, fossem mais levados a aceitar o convite pela curiosidade e pela vontade de observar essa realidade, do que por trazer ao amável anfitrião uma resposta para as suas dúvidas.

Apesar de se compreender a perspectiva pessoal de Sarmento sobre a conferência, à distância de quase século e meio, o balanço sobre o evento não pode deixar de ser distinto. Trata-se de um acontecimento essencial da História da Arqueologia Portuguesa, não tanto por representar ele próprio um avanço no conhecimento, mas por, com carácter pioneiro, trazer ao conhecimento da comunidade científica um sítio que passará a ser um paradigma da cultura castreja, a qual, pela sua originalidade, vai ser apresentada como uma marca do carácter peculiar de uma região.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. Mendes de (1992) – A inscrição do Arco da Rua Augusta. *De Olisipo a Lisboa: Estudos olisiponenses*. Lisboa: Cosmos, p. 57-59.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1887) – Citânia. *Revista Archeologica e Histórica*. 1, p. 39-45.
- BELINO, A. (1895) – *Inscrições romanas de Braga (ineditas)*. Braga: Typographia Lusitana.
- BRANCO, C. Castelo; SARMENTO, F. Martins (1990) – Cartas. *Revista de Guimarães*. 100, p. 37-81.
- CALDAS, A. J. Ferreira (1881) – *Guimarães; apontamentos para a sua historia, vol. I*. Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira.
- CALDAS, J. J. S. Pereira (1845) – Duas palavras sobre uma excavação feita nas Caldas de Vizella. *Revista Universal Lisbonense*. 4(46), p. 557-558.
- CALDAS, J. J. S. Pereira (1877a) – Conferencia archeologica da Citania. *La Academia*. 1, p. 284-285.
- CALDAS, J. J. S. Pereira (1877b) – *Indiculo dos objectos d'exame na conferencia archeologica da Citania de Briteiros*. Braga: Typographia Comercial.
- CALDAS, J. J. S. Pereira (1877c) – Estatutos do Centro Archeologico Portuguez. *A Borboleta*. Braga. 3, p. 89-90.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) – As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o 'Homem do Terciário': Resultados e consequências na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 8, p. 33-54.
- CARDOSO, J. L. (2006) – Estácio da Veiga e a arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 14, p. 293-520.
- CARDOSO, J. L. (2007) – Vida e obras de Estácio da Veiga. In *XELB 7. Encontro de Arqueologia do Algarve, 4, Silves, 2006 – "Percurso de Estácio da Veiga: actas" (Silves, 2006)*. Silves, p. 15-72
- CARDOSO, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado arqueólogo. *Nery Delgado (1835-1908), geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, I. P.; Centro de História e Filosofia da Ciência – FCTUNL, p. 65-81.
- CARDOSO, J. L. (2020) – A primeira escavação arqueológica metodologicamente moderna foi realizada em Portugal em 1879/1880: a intervenção de Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (Óbidos, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 26, p. 123-242.
- CARDOSO, J. L.; MELO, A. A. (2001) – Correspondência anotada de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado: contribuição para a história da arqueologia em Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. 88, p. 309-346.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges pré-historiques de l'Espagne e du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CARVALHO, J. de (1987) – Homenagem a Luciano Cordeiro. In Carvalho, Joaquim, *Obra Completa. História e crítica literária. História de Ciência. 1925-1975. Vol. III*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 141-154

<http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/126-1.-Homenagem-a-Luciano-Cordeiro-/pag-1> (consultado em 7/4/2021)

- CARVALHO, J. Martins de (1888) – Necrologia, IV. In: *Escreptos diversos de Augusto Filipe Simões*. Coimbra: Imprensa de Universidade, p. 372-379, originalmente: Augusto Filipe Simões. In: *O Conimbricense*. Coimbra, 37 (3805) 5 Fev. 1884, p. 1-2.
- CORDEIRO, L. (1876) – Uma visita à Citânia. *Boletim da Sociedade de Geografia*. 1 (1876), p. 86-98.
- DELGADO, J. F. Nery (1867) – *Da existencia do Homem nosso solo em tempos mais remotos provado pelo estudo das cavernas. Notícia acerca das grutas da Cesareda*. Comissão Geológica de Portugal. Lisboa 1867.
- FABIÃO, C. (2019) – (1876-1891): nascimento da moderna arqueologia portuguesa. In: Beltrán Fortes, J.; Fabião, C.; Mora Serrano, B. – *La historia de la arqueologia hispano-portuguesa a debate*. Sevilla, p. 79-103.
- FARIA, A. Machado de (1938) – Protectores, Presidentes Honorários e Efectivos Lauréis Concedidos pela Associação – Sócios. In: *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol IV*. Lisboa: AAP, p. 39-141.
- FERREIRA, A. (2007-2009) – Cartas de Estácio da Veiga a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*. 117-119, p. 123-136.
- FERREIRA, E. & FREITAS, D. M. (2019) – Simões, Augusto Filipe. In: *Quem é quem na Museologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto de História de Arte, p. 295-297.
- FERREIRA, L. R. (2012) – *Instituto de Coimbra: o percurso de uma academia*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra / FCT. <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/21257/1/IC%20O%20percurso%20de%20uma%20academia.pdf>
- FERREIRA, O. da Veiga (1969) – Correspondência epistolar entre Martins Sarmiento e Nery Delgado. *O Arqueólogo Português*. 3.ª série, 3, p. 235-259.
- FREITAS, Dias (1876-1877) – Conferencia archeologica citaniense. *A Borboleta*. 2, p. 97-99.
- GUERRA, A. (1999) – Martins Sarmiento e a questão do celtismo. *Revista de Guimarães: Volume especial, Actas do Congresso de Proto-História Europeia*. Guimarães, p. 179-192.
- GUERRA, A. (2014) – Emilio Hübnner e os arqueólogos portugueses. In: D. Marzoli; J. Maier; Th. G. Schattner – *Geschichte er Madrider Abteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, IV – Emil Hübnner und die Altertumswissenschaften in Hispanien*. Darmstadt: Ph. von Zabern, p. 219-240.
- GUERRA, A. (2020) – Alexandre de Sousa e Holstein (1751-1803): o gosto pelas antiguidades e as escavações de Arícia. *Ex Baetica Romam. Homenaje a José Remesal Rodríguez*. Universitat de Barcelona, p. 1439-1470.
- GUERRA, A. – Sarmiento, Francisco Martins de Gouveia de Morais (Guimarães, 1833 – 1899). In: *Dicionário dos Historiadores de Portugal* <http://dichp.bnportugal.pt/imagens/sarmiento.pdf>.
- HOLSTEIN, A. de Sousa (1875) – *Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal: a organização dos museus e o serviço dos monumentos historicos e da archeologia: offerecidas á comissão nomeada por decreto de 10 de Novembro de 1875 por um vogal da mesma comissão*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- HÜBNER, E. (1862) – Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal. *Monatsbericht der Königlischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. 1861 (2), p. 721-807.
- HÜBNER, E. (1871) – *Notícias archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia.
- INSTITUTO DE COIMBRA (1873) – Instituto de Coimbra: sessão da comissão de archeologia em 6 de novembro de 1873, *O Instituto*, 2.ª série, 17, 1873, p. 270-274.
- INSTITUTO DE COIMBRA (1877) – *Catálogo dos objectos existentes no museu de Archeologia do Instituto de Coimbra*. Coimbra: Imprensa Literária.
- LEMONS, F. Sande (1985) – A Conferencia de 1877 na Citânia de Briteiros. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, 2, p. 215-294.

- LEMOS, F. Sande (1995) – Martins Sarmento e a arqueologia portuguesa dos anos setenta e oitenta do século XIX. *Revista de Guimarães*. 105, p. 117-126.
- MACHADO, J. T. Montalvão (1980) – Luciano Cordeiro. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. 98, p. 135-151.
- MARQUES, P. (2018) – Médicos, arqueólogos e epigrafistas na segunda metade do século XIX. Soares et alii (eds.), *Phármakon: do combate da enfermidade à invenção da imortalidade*. Porto: CITCEM, p. 99-108.
- MARTINS, A. C. N. (1999) – Martins Sarmento e Possidónio da Silva. Um olhar sobre a troca epistolar. *Revista de Guimarães*. Volume especial, 1, p. 213-221.
- MARTINS, A. C. N. (2001) – Estudos pré-históricos e nacionalismo: uma perspectiva possidoniana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, p. 61-93.
- MARTINS, A. C. N. (2003) – *Possidónio da Silva (1806-1896) e o elogio da memória: Um percurso na Arqueologia de Oitocentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- MARTINS, A. C. N. (2019) – Silva, Joaquim Possidónio Narciso. In *Quem é quem na museologia portuguesa*. Lisboa: Instituto de História de Arte, p. 285-287.
- MATEU Y LLOPIS, F. (1949) – Cartas inéditas de Teixeira de Aragão. *Revista de Guimarães*. 59, p. 113-119.
- MATOS, M. A. P. de & CAMPILHO, M. de S. e H. (eds.), 2001 – *Uma família de colecionadores: poder e cultura, antiga colecção Palmela*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- OLIVEIRA, E. Pires de & FERNANDES, I. M. (1984) – Documentos para a história do Museu D. Diogo de Sousa. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, 1, p. 109-134.
- P., R. (1954) – Documentos para a biografia de Martins Sarmento. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães. 16: 3-4, pp. 97-98.
- PIMENTA, A. (1933) – Cartas inéditas de Francisco Martins Sarmento a Joaquim Possidónio da Silva. *Boletim de Trabalhos Históricos*. 1, p. 13-50.
- RAACAP (1876) – Relatório. *Boletim Architectonico e de Archeologia*. 2.<sup>a</sup> série, 11, p. 162-164.
- SAMPAIO, J. da C. (1894) – Os nossos sócios honorários. I – Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento. *Revista de Guimarães*. 1, p. 35-51.
- SARMENTO, F. Martins (1904) – Materiais para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*. 21, p. 5-19; 49-63; 98-120.
- SARMENTO, F. Martins (1905) – Materiais para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*. 22, p. 5-32.
- SARMENTO, F. Martins (1922) – Cartas de Martins Sarmento ao professor Pereira Caldas. *Revista de Guimarães*. 32, p. 5-9; 109-113; 241-246; 365-370.
- SARMENTO, F. Martins (1923) – Cartas de Martins Sarmento ao professor Pereira Caldas. *Revista de Guimarães*. 33, p. 5-8; 97-105; 197-202.
- SARMENTO, F. Martins (1924) – Cartas de Martins Sarmento ao professor Pereira Caldas. *Revista de Guimarães*. 34, p. 5-9; 93-97; 189-192.
- SARMENTO, F. Martins (1925) – Cartas de Martins Sarmento ao professor Pereira Caldas. *Revista de Guimarães*. 35, p. 5-6; 77-80; 137-141; 233-235.
- SARMENTO, F. Martins (1948) – Correspondência entre Martins Sarmento e Joaquim de Araújo. Cartas de Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*. 58, p. 5-13.
- SILVA, A. C. F. da (1995) – Portuguese Castros: the evolution of the habitat and the proto-urbanisation process. *Proceedings of the British Academy*. 86, p. 263-289.
- SILVA, I. F. da (1860), *Dicionário Bibliográfico Português, Tomo IV*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- SILVA, I. F. da & ARANHA, P. V. de B. (1885) – *Dicionário Bibliográfico Português, Tomo XIII*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, J. Possidónio N. da (1873) – Découvertes préhistoriques en Portugal. *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques: Comptes rendues de la cinquième session à Bologne (1871)*. Bologna: Fava e Garagnagni, p. 333-337.
- SILVA, J. Possidónio N. da (1876) – Esculptura Romana, conhecida pelo nome de Pedra Formosa, achada em Portugal, e o que ella representa. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. 2.ª série, 1(9), p. 136-138.
- SILVA, J. Possidónio N. da (1877a) – Relatorio, apresentado na sessão de 14 de Maio da assembleia geral da Real Associação dos archeologos portuguezes, ácerca do descobrimento feito no monte de Sancta Luzia em Vianna do Castello, no mez de abril de 1877. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. 2.ª série, 2(2), p. 27-30.
- SILVA, J. Possidónio N. da (1877b) – Relatorio acerca de novas investigações archeologicas praticadas na provincia do Minho no mês de Junho do corrente anno nos montes de Affife e de S. Roque. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. 2.ª série, 2:3, p. 40-43.
- SIMÕES, A. F. (1870) – *Relíquias da architectura romano-bizantina em Portugal, e particularmente na cidade de Coimbra*. Lisboa: Typographia Portugueza.
- SIMÕES, A. F. (1875) – Alguns passos num labyrintho: se Coimbra foi povoação romana e que nome teve. *Boletim Architectónico e de Arqueologia*. 2.ª série, 7, p. 105-109; 8, p. 117-121.
- SIMÕES, A. F. (1888) – A Citania de Briteiros. In: *Escriptos diversos de Augusto Filippe Simões*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 282-289.
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA (1876) – Actas da Sociedade. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. 1, p. 215-231.
- TEIXEIRA, C. (1968-1969) – A Figura e Obra de Nery Delgado. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*. 12, p. 45-54.
- VASCONCELOS, A. de (1896) – Secção de archeologia do Instituto de Coimbra. *O Archeologo Português*. 1.ª série, 2, p. 273-277.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1901) – Emilio Hübner e a archeologia lusitano-romana. *O Archeologo Português*. Série 1, 6, p. 49-59.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1904) – Necrologia. *O Archeologo Português*. Série 1, 9, p. 128-142.
- VEIGA, S. Ph. Estácio da (1879) – *Antiguidades de Mafra ou Relação archeologica dos caracteristicos relativos aos povos que senharearam aquelle territorio antes da instituição da monarchia portugueza*. Lisboa: Academia das Ciências.
- VILELLA, Sá (1877) – Primeiro congresso archeologico em Portugal – Citania. *Boletim da Real Associação de Architectos Civis e Archeologos Portugueses*. Série 2, 2:1, p. 12-13.
- XAVIER, H. A. A. V. P. (2014) – *O Marquês de Sousa Holstein e a formação da Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa*. Lisboa: tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Série X, 3, p. 111-125.

## ANEXO DOCUMENTAL – ALGUNS RELATOS DA CONFERÊNCIA

### 1. *Religião e Pátria*, Guimarães, 13 de Junho de 1877.

#### A conferência da Citânia

Aturdidos ainda pelos esplendores da festa a que deu lugar conferência arqueológica da Citânia, esse primeiro congresso dos estudiosos dum país tão apreciável ciência devido à iniciativa feliz e à patriótica vontade do nosso ilustre e benemérito conterrâneo, o sr. dr. Martins Sarmiento, mal podemos lançar apenas os primeiros lineamentos da sua descrição, que penas mais hábeis que a nossa farão decerto inteira e delineada em todas as suas singularíssimas circunstâncias.

O que vai ler-se são apenas apontamentos muito rápidos e muito fugitivos da festa mais esplêndida com que podia ser saudada num país já adiantado em civilização a reunião duns poucos de homens num convívio literário de alta significação – o estudo de umas importantes ruínas, e com ele a iniciação metódica dos estudos arqueológicos nesse país.

Os sábios conferentes, que eram os exmos. srs. Marquês de Sousa e Hölstein, Augusto Soromenho, Possidónio, Filipe Simões, Aragão, Delgado, Luciano Cordeiro, Pereira Caldas, Fernando Castiço, Simão Rodrigues e uma deputação composta dos srs. visconde da Torre das Donas e Câmara Leme, por parte da comissão exploradora das ruínas no monte de Santa Luzia. em Viana do Castelo, esperados nas Taipas pelo sr. Martins Sarmiento, saíram dali com este e acompanhados por alguns cavalheiros, entre os quais os representantes do Diário da Manhã, da Democracia, do Comércio do Porto, do Comércio Português e da Borboleta, para o monte de S. Romão, onde são situadas as célebres ruínas.

No princípio da encosta estava levantado um formoso arco de murta e flores, e por trás dele, em dois estrades, grupos de camponesas, com os seus trajes característicos, lançavam mãos cheias de flores por sobre os ilustres hóspedes do sr. Sarmiento, enquanto uma música tocava hinos nacionais, e os ecos das montanhas eram acordados pelo estrondear de inúmeros foguetes.

A meia encosta, quando principiam as ruínas, começou a minuciosa visita e exame delas, que se foi continuando até ao cimo do monte, onde, em barraca apropriada, foi servida aos conferentes e demais cavalheiros um magnífico lunch, durante o qual tocou harmoniosas peças, banda de música que tinha tocado na base do monte. Fizeram-se numerosos e entusiásticos brindes, entre os quais mencionaremos o do sr. marquês de Sousa, outro do sr. Luciano Cordeiro a Guimarães, do sr. Filipe Simões a Guimarães e Braga, do sr. Vasco Leão, em nome de Guimarães, agradecendo o brinde do Sr. Luciano Cordeiro, do sr. marquês de Sousa à imprensa, do sr. visconde de Pindela em agradecimento ao sr. Filipe Simões e brindando à imprensa, do sr. Magalhães Lima, agradecendo o brinde feito à imprensa, do sr. Vicente Pindela ao Sr. Sarmiento, do sr. Gervásio Lobato agradecendo ao sr. Visconde de Pindela em nome imprensa, do sr. Adolfo Pimentel ao sr. Martins Sarmiento, à Sociedade de Geografia e a Luciano Cordeiro, do sr. Luciano Cordeiro ao sr. Possidónio, do sr. Pereira Caldas ao desenvolvimento do Ateneu Arqueológico de Braga, do sr. Vicente Pindela aos professores primários presentes, do sr. Gervásio Lobato ao sr. Alfredo Campos, do sr. Magalhães Lima aos professores primários, do sr. Possidónio agradecendo o brinde que lhe fora feito como presidente e instituidor da associação dos arqueólogos e architectos, e outros muitos que por brevidade omitimos.

O lunch terminou às cinco horas da tarde, e o seu menu foi o seguinte:

Bouillon de Volaille – Entrées – Du veau au aspic – Lang au aspic – Jambon Westphalie – Mayonnaise d'homard – Volaille – Galantine – Foie gras.

Rotis – Roast beef – Dindon – Canards au eresson.

Entremets – Petits patés au crème – Charlotte Russe – Puding – Gelée.

Fromage et fruits.

Vins – Xerez – Collares – Bordeaux – Champagne – Porto 1834 – Porto 1832.

Café et Liqueurs.

Depois do lunch continuaram as investigações, já descendo a montanha e tomando de novo o caminho desta cidade, onde os distintos arqueólogos chegaram por cerca das 8 e meia horas da noite.

Esperava-os à porta do Hotel uma banda de música, e, para tornar parte nos brilhantes festejos preparados para receber tão ilustres hóspedes, iluminaram-se grande parte das casas da cidade, e despovoou-se esta para o largo do Carmo, onde a brilhantíssimas iluminações do palacete do sr. Sarmiento, as harmonias de duas bandas de música, os preparativos enfim dum sumptuosíssimo baile, chamaram numerosíssima concorrência.

Este baile, que a cidade de Guimarães oferecia em honra dos seus ilustres visitantes, e como que para saudar a aurora esplêndida duma nova época para a ciência arqueológica, e para que uma deputação da grande comissão dele havia ido às Taipas convidar os ilustres sábios, foi realmente o mais esplêndido e brilhante que se pode imaginar.

O palacete do sr. Sarmiento, um dos mais elegantes da província, os seus jardins mágicos deslumbrantemente iluminados à veneziana, as vagas nuvens de harmonia, o burburinho das conversações alegres, despreziosas, felizes, as toilettes mais apuradas e mais artísticas, as mais suaves belezas de Braga e de Guimarães, as ondas de luz, o fulgor do ouro e dos brilhantes, o vaporoso das rendas, o perfume gratíssimo das flores, tudo isto e o muito mais que ainda falta, produziu o mais sublime, inebriante e fantástico resultado, e estamos certos de que por largo tempo se há-de falar no baile do dia 9 em Guimarães, como uma daquelas festas que fazem conceber e desculpar, por conseguinte, as fantásticas narrações das Mil e uma noites.

Do serviço não falamos. Nunca o vimos tão profuso, tão variado, tão rico, e sobretudo tão delicado.

Eram 5 horas da manhã, e ainda se dançava o cotillon, magistralmente dirigido pelo sr. Vicente Pindela, depois de se haverem dançado 5 quadrilhas, 5 lanceiros, 2 valsas, 1 melange e 1 galope.

Foi assim que o berço da monarquia, o qual, pelo zelo e ardor dum seu distintíssimo filho, teve nesse dia a subida glória de ser o local do primeiro congresso arqueológico português, se honrou honrando os sábios que lhe vieram dar lustre.

Foi assim que se iniciou neste país a obra gloriosa do estudo do passado pela investigação dos seus monumentos.

A esta obra fica indelevelmente unido um nome. Francisco Martins Sarmiento, o audaz iniciador do estudo da história pela deletreação dos livros de pedra soterrados uns, outros quase indecifráveis, é já agora um nome que passará à posteridade como o de um sábio profundo, aureolado pelos esplendores da ciência, e coroado pelo diadema da glória.

2. SAMPAIO, 1894, p. 44-46.

A exploração das ruínas da Citania foi um acontecimento archeologico muito notavel, vista a sua valiosa importancia para a solução d'altos problemas pro-historicos. [45] Deu o jornalismo rebate d'elle e, em 1876, o snr. marquez de Sousa Holstein noticiava-o perante a Academia real das sciencias de Lisboa, num discurso que então proferira, mostrando a importancia das ruínas, que já tinha visitado. Por esse tempo o erudito e distinctissimo professor do lyceu de Braga, o snr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, visitou as ruínas exploradas em companhia dos snrs. Joaquim Possidonio e Narciso da Silva, e mais tarde dos snrs. Luciano Cordeiro

e Gabriel Pereira, e de tal importancia lhes pareceram que o Snr. Pereira Caldas se aventurou a indicar ao seu amigo, o snr. Sarmiento, a conveniencia de fazer d'ellas assumpto d'uma conferencia pelos mais distinctos archeologos do paiz. A lembrança do erudito professor foi adiante e, em 10 de junho, chegaram os conferentes as Caldas das Taypas, onde os esperava o snr. Sarmiento e a commissão que, representando a cidade de Guimarães, ia convidal-os para um baile. Seguiram d'ahi em direcção á Citania. Examinaram attentosamente as ruinas e ficaram enleados no vivo interesse, que despertam os restos duma cidade, cuja origem se occulta na escuridão dos tempos». Não lhes era de certo facil, no curto espaço de poucas horas, criticar os vestígios que ali deixaram as velhas gerações, e formar uma opinião concisa e clara de tão importante descoberta. Ainda assim muito discretearam os conferentes e, mais tarde, appareceram espalhadas em todo o jornalismo do paiz descripções mais ou menos exactas, que provocaram um verdadeiro debate. Seria longo mencionar quanto se disse e escreveu. Servido o *lunch*, que o snr. Sarmiento ofereceu nas Taypas aos conferentes, dirigiram-se para aqui, onde na noite desse mesmo dia, assistiram ao baile oferecido pela cidade. Foi na casa do Sr. Sarmiento: uma festa de gala tão animada e tão brilhante como convinha aos brios tradicionaes desta velha fidalga e ao merecimento dos convidados. Os conferentes enviaram ao Sr. Sarmiento uma mensagem escripta aqui mesmo, em que lhe significam o vivo sentimento de estima e, ao mesmo tempo, de consideração pelos seus dotes intellectuaes e nobres qualidades. E assignada pelos Srs. Marquez de Sousa Holstein, Dr. Augusto Filippe Simões, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, Joaquim Filippe Nery Delgado, Luciano Cordeiro, Visconde da Torre das Donas, Dr. Antonio d'Assis Tei[46]xeira de Magalhaes, José Alfredo da Camara Leme, Augusto Soromenho, Gervasio Lobato, Manoel Maria Rodrigues, Apolino da Costa Reis e Magalhães Lima.

3. FARIA, João Lopes de, *Efemérides Vimaranenses*, manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, vol. II, p. 249 transcrito em <http://araduca.blogspot.com/2013/06/efemeride-do-dia-conferencia.html> (Consult. 11/04/2021).

A convite do dr. Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento, glória dos vimaranense, visitam as ruínas da Citânia de Briteiros, de que ele era explorador, os conferentes do 1º Congresso Arqueológico Português, que teve lugar na Citânia, que representavam honrosamente as primeiras cidades do reino, a saber: Marquês de Sousa Hölstein, Augusto Soromenho, Possidónio, Filipe Simões, Aragão, Delgado, Luciano Cordeiro, Pereira Caldas, Fernando Castiço, Simão Rodrigues e uma deputação composta do Visconde da Torre das Donas e Câmara Leme, por parte da comissão exploradora das ruínas no monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, representantes do “Diário da Manhã”, da “Democracia”, do “Comércio do Porto”, do “Comércio Português” e d’“A Borboleta”. À noite houve, em sua honra, no palacete do dr. Sarmiento, ao Carmo, que estava brilhantemente iluminado, um baile, que lhes foi oferecido em nome da cidade de Guimarães, por uma comissão de distintos cavalheiros, a qual promoveu outros festejos. Durante o baile tocaram em frente do palacete duas bandas de música. No dia seguinte reuniram-se em conferência no mesmo palacete.

4. CALDAS, 1881, p. 341-346.

Conferencia archeologica da Citania

Esta conferencia memorável, a primeira do seu género iniciada em Portugal, abriu sem duvida para a historia de Guimarães, rica já de si, uma das suas paginas mais gloriosas. Em 9 de junho de 1877, a convite do

exc.<sup>mo</sup> [342] dr. Francisco Martins de Moraes Sarmiento, acérrimo e ilustradíssimo explorador das venerandas ruínas da Citania, em Briteiros, entre Guimarães e Braga, reuniram-se alli os conferentes convidados, que representavam honrosamente as primeiras cidades e villas do reino. Chegados ao monte das minas, foram ahi agradavelmente recebidos por uma fila de formosas camponesas, espargindo flores sobre elles ao som d'uma banda marcial e ao estrondear de subitaneas girandolas de foguetes. A visita principiou em minuciosas analyses, desde as fraldas ao planalto do monte, onde as ruinas se amontoam, e entre as quaes se levantam duas pequenas casas redondas, reedificadas na sua forma primitiva pelo indefesso explorador, e que hoje servem como de museu, onde o exc.<sup>mo</sup> dr. Sarmiento vai colleccionando os objectos explorados. Esta visita scientifica terminou com o findar do dia, passado todo em curiosas e interessantes questões archeologicas, e animado por um lauto e animadíssimo *lunch*, principescamente servido no mais alto do monte, á sombra d'uma extensa barraca de campanha. Foi um verdadeiro dia de festa, o mais apparatuso e civilizador, de que tem sido theatro aquelle immenso jazigo de ruinas desde a sua origem, talvez. No dia seguinte pelas 8 horas da noite, reuniram os mesmos conferentes no palacete do exc.<sup>mo</sup> snr. Sarmiento, na rua de D. Luiz I, onde fora [342] celebrada a primeira conferencia archeologica do paiz. Discutiui-se largamente sobre variados assumptos archeologicos, prolongando-se este selecto convívio litterario até ás 2 horas da madrugada; resolvendo-se então a criação da Associação Archeologica Martins Sarmiento em Guimarães, debaixo da presidência do explorador e em conformidade com o projecto d'estatutos, elaborado pelo distincto professor bracarense Pereira Caldas, animador entusiasta da mesma conferencia. As questões mais importantes, que se ventilaram aqui, constam do seguinte questionário, coordenado pelos mesmos doutores Sarmiento e Caldas. Se na apparencia não é extenso, é effectivamente vasto na essência, e filho de pausada meditação, depois de longo estudo do assumpto, em vista das ruinas exploradas. Eil-o:

#### QUESTIONARIO ARCHEOLOGICO

I – O nome Citania, dado ás ruinas existentes no monte de S. Romão em Briteiros – no monte da Saia no concelho de Barcellos – no monte de S. Romão em S. Fins de Ferreira – e n'outras localidades mais – é um nome da mesma categoria que os de Cidade e Cidadelhe, com que são designadas entre nós outras povoações arruinadas – ou é porventura um nome puramente local? [344]

II – O nome de Citania é na essência o mesmo, que o de Cytiau das Ilhas Britannicas, de que nos dão conta os archeologos inglezes? – Terão Citania e Cytiau a mesma etymologia, e exprimirão a mesma cousa?

III – As construcções da Citania de Briteiros – e nomeadamente as suas casas – são monumentos anteriores á conquista romana, ou posteriores a ella? – Se anteriores, que credito pode merecer-nos o asserto de Vitruvio, affirmando que as casas nas Hispanias eram de madeira e não de pedra?

IV – Os monumentos da Citania de Briteiros accusam vestigios de civilisações distinctas, authorisando-nos a suppôr que a tenham occupado povos de differente raça e differentes costumes? – No caso affirmativo, authorisam-nos os mesmos monumentos a suppôr successiva essa occupação, ou simultânea? transitória ou permanente? – Habilitam-nos em fim a estremar a raça de cada um dos seus occupantes?

V – Como provia a Citania de Briteiros á necessidade da agua nos usos da vida? – Servia-se d'agua nativa ou de cisternas? – O que poderia dar lugar á tradição popular – aliás absurda – d'uma estrada encoberta, que da povoação levava ao rio Ave no poço d'Ola?

VI – Que industrias alimentava a Citania de Briteiros, em vista dos differentes restos d'artefactos, que têm sido achados nas suas ruinas? – Revelam-se n'estes restos industrias estranhas á [345] localidade, com indicio dos povos a que pertencessem, e dos paizes d'onde foram importadas?

VII – A que usos era destinada na Citania de Briteiros a Pedra Formosa?

VIII – Authorisam-nos os monumentos da Citania de Briteiros a determinar o rito funerário dos seus habitantes? – Pôde a comparação – pelos dados fornecidos por descobertas de necrópoles de povoações análogas – atinar com o local das sepulturas, em que na Citania eram collocados os restos dos mortos?

IX – Como desapareceu d’entre as povoações coevas a Citania de Briteiros?

Tomaram parte n’este convivio archeologico os seguintes conferentes:

De Lisboa: os snrs. marquez de Sousa Holstein, Possidonio da Silva, Luciano Cordeiro, Augusto Soromenho, Teixeira d’ Aragão, e engenheiro Delgado; e representavam a imprensa da capital: Gervásio Lobato e Magalhães Lima.

De Coimbra: os snrs. doutores Filippe Simões e Assis Teixeira; representando a imprensa d’alli, Vicente Pindella.

Do Porto representavam a imprensa: Manoel Maria Rodrigues e Apolino Reis.

De Braga assistiram como conferentes: visconde de Pindella, Thomaz Branco, director das obras publicas, Jeronymo Pimentel, Pinheiro Torres, Pereira Caldas, padre Celestino da Silva, Fernando Castiço, António Brandão, Adolpho Pimentel, Alfredo Campos (p. 346); representando a imprensa d’alli Dias Freitas.

De Vianna assistiram como conferentes: os snrs. visconde da Torre das Donas e Camara Leme;

De Penafiel: o snr. Rodrigues Ferreira.

De Guimarães foram conferentes os snrs. Martins Sarmento, Vasco Leão, delegado Pestana e padre Ferreira Caldas; representando a imprensa da cidade Pinto de Queiroz.

Foram ainda convidados para este certamen archeologico, a que não puderam assistir, cavalheiros de nomeada litteraria, de que se lembrarão aqui os seguintes:

De Lisboa: os snrs. Pereira da Costa, Silva Leal, Carlos Ribeiro, Schiappa de Azevedo, Estacio da Veiga, Pinho Leal, Vilhena Barbosa, Teixeira de Vasconcellos, Bocage, e Aguiar, da Academia real das sciencias.

De Val-de-Lobos: o snr. Alexandre Herculano.

De Évora: o snr. Gabriel Pereira.

De Coimbra: os snrs. par do reino Miguel Osório, dr. Corrêa Barata, e Simões de Castro.

Do Porto: os snrs. Gomes Monteiro, Eduardo Allen, Adolpho Coelho, e Joaquim de Vasconcellos.

De Vianna: o snr. José Caldas.

De Ponte do Lima: o snr. José Torres.

De Villa Real: os snrs. Camillo Castello Branco, e Azevedo Castello Branco.

[346] Das Caldas de Vizella: o snr. engenheiro Cesário.

De Guimarães: os snrs. Bento Cardoso e António Cardoso.

##### 5. SIMÕES, 1888, p. 289.

No dia 9 de junho concorreram á Citania, por convite do sr. Martins Sarmento, muitos cavalheiros de Lisboa e outras terras do reino para examinarem os resultados das explorações. Depois de terem percorrido as ruas e visitado as casas da Citania, discutindo animadamente acerca dos numerosos objectos offerecidos ao seu exame, serviram-se de um magnifico lunch no cimo do monte, debaixo de um vistoso pavilhão. Nos brindes numerosos e entusiasticos revelou-se a admiração dos convivas pela importância das explorações e pela grandeza de animo e altos brios do explorador. O Instituto mereceu a honra de um brinde ao sr. dr. Pereira Caldas, a quem agradeceu o auctor destas linhas.

À noite continuou a festa em Guimarães num esplendido baile, offerecido, no palácio do sr. Martins Sarmiento, pela cidade aos conferentes. Todos se empenhavam em mostrar o muito que apreciavam a visita de tantos cavalheiros illustrados e a importância scientifica do fim com que tinham vindo a Guimarães.

No dia seguinte visitaram os conferentes a igreja de Nossa Senhora da Oliveira, e resolveram pedir á collegiada que mandasse restaurar o claustro talvez o mais antigo de Portugal, e notável pelas excellentes esculpturas de estylo romão.

À noute reuniram-se outra vez em casa do sr. Martins Sarmiento e ahi discutiram mais de espaço as ruínas da Citania, depois do que se resolveu a fundação da Associação archeologica Martins Sarmiento. D'este modo quizeram os conferentes dar um publico testemunho de reconhecimento ao homem que era Portugal conseguira realizar a primeira exploração methodica e racional das ruinas de uma cidade inteira, e reunir o primeiro congresso archeologico para examinar e julgar o resultado d'essa exploração. E tudo isto fez até hoje por si só e sem extranho auxilio. O governo portuguez não interveiu ainda numa empresa, cuja importância a todos se manifesta, e que já podemos chamar uma gloria nacional!